

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS A. C. SIMÕES  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE  
CURSO GEOGRAFIA

ISABELE TENÓRIO SANTOS DA SILVA

**GEOGRAFIA ELEITORAL:** Uma análise das eleições presidenciais no estado de Alagoas de 2010-2022, a partir dos conceitos de formação socioespacial

Maceió - AL

2024

ISABELE TENÓRIO SANTOS DA SILVA

**GEOGRAFIA ELEITORAL:** Uma análise das eleições presidenciais no estado de Alagoas de 2010-2022, a partir dos conceitos de formação socioespacial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Geografia

Orientadora: Prof. Dra. Cirlene Jeanne Santos e Santos.

Maceió - AL

2024

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586g Silva, Isabele Tenório Santos da.  
Geografia eleitoral : uma análise das eleições presidenciais no estado de Alagoas de 2010-2022, a partir dos conceitos de formação socioespacial / Isabele Tenório Santos da Silva. – 2024.  
72 f. : il. color.

Orientadora: Cirlene Jeanne Santos e Santos.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 68-72.

1. Cartografia do voto. 2. Formação socioespacial. 3. Geografia eleitoral.  
I. Título.

CDU: 911 : 342.843

## Folha de Aprovação

ISABELE TENÓRIO SANTOS DA SILVA

Geografia Eleitoral: Uma análise das eleições presidenciais no estado de Alagoas de 2010-2022, a partir dos conceitos de formação socioespacial

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Geografia da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 12 de julho de 2024.

Documento assinado digitalmente  
 CIRLENE JEANE SANTOS E SANTOS  
Data: 22/08/2024 17:03:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Cirlene Jeanne Santos e Santos  
Universidade Federal de Alagoas – Campus Maceió  
Orientadora

### Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 MONIQUE FLORENCIO DE AGUIAR  
Data: 23/08/2024 02:19:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Monique Florencio de Aguiar  
Universidade Federal de Alagoas – Campus Maceió

Documento assinado digitalmente  
 VERONICA NASCIMENTO BRITO ANTUNES  
Data: 07/09/2024 12:39:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Verônica Nascimento de Brito Antunes  
Universidade Federal de Alagoas – Campus Maceió

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma na trajetória desse importante clico de minha vida. Em especial a minha orientadora Cirlene Jeanne, e aos meus companheiros de pesquisa do PIBIC ciclo 2020 – 2021 do Núcleo de Estudos Agrário e Dinâmicas Territoriais, Dayvisson Soares e Samuel Nunes. Sem esse desenvolvimento inicial dos estudos eleitorais não seria possível o desdobramento desse trabalho. A minha avó Eulalia Borges, e aos meus familiares mais íntimos (mãe, pai, irmã e irmão) que sempre estiveram me apoiando.

## RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a distribuição dos votos nas mesorregiões Leste, Agreste e Sertão do estado de Alagoas nos últimos quatro pleitos presidenciais – 2010, 2014, 2018, 2022, a partir do conceito de formação socioespacial. Para isso, inicialmente será apresentado o campo da Geografia Eleitoral e a relação do voto com o território, seguido por uma discussão acerca da formação socioterritorial do estado de Alagoas, reverberando no processo de escolha do eleitorado, e por fim é apresentada uma análise geoespacial e estatística dos votos válidos relacionando-os com as áreas de cultivo da cana-de-açúcar. A questão central do trabalho é: como o processo de formação socioespacial repercute no comportamento dos eleitores nos municípios do estado de Alagoas? Para responder tal indagação, utilizou-se o método quantitativa, coletando na plataforma do Tribunal Superior Eleitoral os votos válidos dos candidatos à presidência nas respectivas eleições, assim como realizou a coleta sobre a plantação de cana por hectares e a produção da pecuária no estado de Alagoas, disponíveis respectivamente nas plataformas Alagoas em Dados e IBGE. Após a coleta, efetuou-se a espacialização dos dados utilizando o *software* de geoprocessamento e mapeamento Qgis 3.22, foi elaborado o cálculo de migração eleitoral que aplicou como variáveis a média dos votos válidos no primeiro e segundo turno de cada candidato, e o cálculo de regressão linear, método estatístico que verifica a correlação entre duas variáveis, no presente trabalho será utilizada para compara a relação entre a plantação por hectares de cana-de-açúcar com os votos válidos, para isso será utilizado *software* de planilha eletrônica (*Excel*). Como principais resultados observou-se no território alagoano a existência de padrões eleitorais, no qual a mesorregião do leste alagoano tende a votar em candidatos de centro-direita, e o sertão e agreste em candidatos de centro-esquerda. No que se refere a migração dos votos nota-se que não houve migração significativa dos votos dos candidatos entre um turno e outro e entre os pleitos. Ao que se refere à regressão linear, verificou-se que há uma influência negativa da cana nos votos dos candidatos do Partido dos Trabalhadores e sendo positiva para candidatos de centro-direita. Em conclusão constatou-se que a formação socioterritorial age influenciando a escolha eleitoral dos eleitores alagoanos.

**Palavra-chave:** Território, Voto, Formação Socioterritorial, Cartografia do Voto.

## ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the distribution of votes in the East, Agreste and Sertão mesoregions of the state of Alagoas in the last four presidential elections – 2010, 2014, 2018, 2022, based on the concept of socio-spatial formation. To this end, the field of Electoral Geography and the relationship between voting and territory will be presented first, followed by a discussion of the socio-territorial formation of the state of Alagoas, reverberating in the process of electoral choice, and finally a geospatial and statistical analysis of the valid votes will be presented, relating them to the areas of sugarcane cultivation. The central question of the work is: how does the process of socio-spatial formation affect voter behavior in the municipalities of the state of Alagoas? To answer this question, the quantitative method was used, collecting the valid votes of the presidential candidates in the respective elections on the platform of the Superior Electoral Court, as well as collecting information on sugarcane plantations per hectare and livestock production in the state of Alagoas, available respectively on the Alagoas em Dados and IBGE platforms. After the data was collected, it was spatialized using the geoprocessing and mapping *software Qgis 3.22*. The electoral migration calculation was carried out using the average valid votes in the first and second round for each candidate as variables, and the linear regression calculation, a statistical method that checks the correlation between two variables, will be used in this study to compare the relationship between sugarcane plantations per hectare and valid votes, using spreadsheet software (*Excel*). The main results were the existence of electoral patterns in the territory of Alagoas, in which the mesoregion of eastern Alagoas tends to vote for center-right candidates, and the sertão and agreste for center-left candidates. With regard to the migration of votes, it can be seen that there was no significant migration of candidates' votes between one round and the next or between elections. The linear regression showed that sugarcane had a negative influence on the votes of Workers' Party candidates, while it had a positive influence on center-right candidates. In conclusion, it was found that socio-territorial formation influences the electoral choice of voters in Alagoas.

**Keywords:** Territory; Vote; Socio-territorial training, Vote Cartography.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Distribuição das publicações com o tema Geografia Eleitoral entre os anos de 2000-2024 no mundo .....	20
<b>Figura 2:</b> Localização da área de estudo.....	27
<b>Figura 3:</b> Concentração da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro em 2015 .....	32
<b>Figura 4:</b> Espacialização da média das áreas plantadas de cana-de-açúcar em hectares nos municípios do estado de Alagoas entre os anos de 2010 a 2019.....	33
<b>Figura 5:</b> Distribuição das usinas e destilarias ativas no estado de Alagoas em 2021 .....	34
<b>Figura 6:</b> Produção Bovina no estado de Alagoas em 2022.....	35
<b>Figura 7:</b> Distribuição dos votos válidos no primeiro turno das eleições de 2010-2022 nos municípios brasileiros.....	47
<b>Figura 8:</b> Percentual de votos válidos da candidata Dilma R. no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2010 nos municípios de Alagoas .....	50
<b>Figura 9:</b> Percentual de votos válidos do candidato José Serra. no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2010 nos municípios de Alagoas .....	51
<b>Figura 10:</b> Percentual de votos válidos da candidata Dilma R. no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2014 nos municípios de Alagoas .....	52
<b>Figura 11:</b> Percentual de votos válidos do candidato Aécio Neves no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2014 nos municípios de Alagoas .....	53
<b>Figura 12:</b> Percentual de votos válidos do candidato Fernando Haddad no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2018 nos municípios de Alagoas .....	54
<b>Figura 13:</b> Percentual de votos válidos do candidato Jair Bolsonaro no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2018 nos municípios de Alagoas .....	55
<b>Figura 14:</b> Percentual de votos válidos do candidato Jair Bolsonaro no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2022 nos municípios de Alagoas .....	56
<b>Figura 15:</b> Percentual de votos válidos do candidato Lula no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2022 nos municípios de Alagoas .....	56

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Quantidade de produzida na agricultura em 2022 no estado de Alagoas .....	30
<b>Gráfico 2:</b> Quantidades de cabeças de rebanho no estado de Alagoas em 2022 .....	30
<b>Gráfico 3:</b> Quantidade de estabelecimento agropecuários do estado de Alagoas em porcentagem.....	37
<b>Gráfico 4:</b> Conflitos por terra em Alagoas entre os anos de 2014 a 2023 .....	37
<b>Gráfico 5:</b> Crescimento dos votos entre o primeiro e segundo turno nas eleições de 2010, 2014, 2018 e 2022 dos candidatos pelo PT nos municípios de Alagoas .....	59
<b>Gráfico 6:</b> Crescimento dos votos entre o primeiro e segundo turno nas eleições de 2010, 2014, 2018 e 2022 dos candidatos pelo PSDB e PL nos municípios de Alagoas .....	60

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Hectares de cana-de-açúcar nas mesorregiões do estado de Alagoas em 2010 a 2022 .....	33
<b>Tabela 2:</b> Produção bovina em toneladas nas mesorregiões de Alagoas no ano de 2022 .....	36
<b>Tabela 3:</b> Participação nas eleições de 2010, 2014, 2018, 2022 dos eleitores das mesorregiões de Alagoas .....	46
<b>Tabela 4:</b> Percentual dos votos válidos do 1º e 2º turno das eleições de 2010-2022 no estado de Alagoas .....	49
<b>Tabela 5:</b> Regressão linear simples envolvendo a plantação de cana-de-açúcar e a média dos votos de cada candidato nos pleitos estudados .....	62

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1:** Governadores do estado de Alagoas antes e depois da redemocratização.....38

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Conab	Companhia Nacional de Abastecimento
CPT	Comissão Pastoral da Terra
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PL	Partido Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
PSL	Partido Social Liberal
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
PSB	Partido Socialista Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. O CAMPO DA GEOGRAFIA ELEITORAL .....</b>	<b>15</b>
2.1 GEOGRAFIA ELEITORAL: BREVES APONTAMENTOS .....	15
2.2 GEOGRAFIA ELEITORAL NO BRASIL .....	19
2.3 VOTO: UMA VARIÁVEL TERRITORIAL .....	21
<b>3. FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA E TERRITORIAL COMO VARIÁVEL ELEITORAL .....</b>	<b>25</b>
3.1 FORMAÇÃO ECONÔMICA E TERRITORIAL DE ALAGOAS .....	26
3.1.1 Território da Cana-de-Açúcar .....	31
3.1.2 Território da Pecuária e Agricultura familiar .....	35
3.2 ESTRUTURA FUNDIÁRIA E A POLÍTICA NO ESTADO DE ALAGOAS .....	36
<b>4. INTERPRETAÇÃO ESTATÍSTICA E ESPACIAL DOS VOTOS .....</b>	<b>41</b>
4.1 METODOLOGIA .....	41
4.2 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS VOTOS.....	42
4.2.1 Perfil e Votos das mesorregiões de Alagoas .....	45
4.2.2 Breves apresentação dos votos no Nordeste brasileiro.....	47
4.2.3 Análise geoespacial dos votos em Alagoas.....	49
4.3 ANÁLISE DA MIGRAÇÃO ELEITORAL ENTRE OS TURNOS ELEITORAIS.....	58
4.4 REGRESSÃO LINEAR DOS VOTOS .....	61
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

A redemocratização do Brasil possibilitou a criação de um sistema político mais abrangente e democrático no território nacional, no qual o sufrágio se tornou um direito e dever fundamental, e um dos principais instrumentos de participação popular no processo político, sendo essencial para o progresso do país. Através da eleição, os indivíduos têm a responsabilidade de escolher seus representantes e determinar o destino da nação.

As eleições no Brasil acontecem nas escalas municipal, estadual e nacional, na modalidade majoritária (caracterizado pela escolha do mais votado) e proporcional (qualificado por diversos fatores, como quantidade de eleitores por estado, voto preferencial, e voto de legenda). As eleições ocorrem em dois momentos, primeiramente para os cargos de Presidente, Governador, Deputado Federal e Estadual e Senador, cada cargo dura quatro anos, exceto senadores que duram oito. E o segundo momento, são as eleições para Prefeito e Vereador. Entre um momento e outro existe um espaço de dois anos.

O processo de escolha dos representantes através do voto é influenciado por diversas dinâmicas sociais complexas, que refletem as preferências dos eleitores em uma determinada localização. Para chegar a essa escolha, os eleitores levam em consideração diversas motivações, como o histórico político e de vida dos candidatos, no entanto existem outros fatores que influenciam significativamente essa escolha de forma indireta. Para entender como esse processo ocorre, é crucial compreender as dinâmicas sociais presentes no espaço geográfico e as razões pelas quais um grupo específico de indivíduos podem optar por votar em um candidato ou participar da eleição.

Sánchez (1992 apud Cunha, 2014) compreende o processo eleitoral em dois momentos, anterior ao ato de votar e o posterior ao voto. O primeiro momento está relacionado ao período de campanha eleitoral, com estudos de intenção de voto; e o segundo momento, refere-se à análise dos resultados das eleições, é nesse momento, em que as análises geográficas entram, fazendo uma relação dos resultados com os fatores espaciais.

Nesse contexto, a Geografia Eleitoral desempenha um papel importante para entender como a localização geográfica e territorial pode influenciar suas escolhas políticas e moldar o comportamento eleitoral, colaborando na interpretação das tendências eleitorais, mudanças políticas e na relação entre a sociedade e o poder político. Estudiosos como Sanguin (1981), Sendra (1981), Taylor e Flint (2002), e Zolnerkevic e Raffo (2013), desenvolveram análises de eleições utilizando os conceitos da Geografia eleitoral e se tornaram referência no assunto.

Nessa perspectiva, é possível entender o voto como um dado espacial que pode ser sobreposto a outras variáveis, já que está diretamente ligado ao comportamento político da população. Esse comportamento pode ser influenciado por diversos fatores, como os aspectos socioeconômicos, geográficos e as relações sociais, Cox (1972 apud Sendra, 1982) cita alguns desses fatores, como as relações de vizinhança.

O Brasil enquanto um Estado-Nação com uma grande extensão territorial, tem em sua essência um território heterogêneo, com uma formação socioespacial e desenvolvimento econômico distinto, o que reflete direta e indiretamente nas escolhas eleitorais das cinco macrorregiões brasileiras – Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste. Toledo Júnior (2007) em seu trabalho já observa essa dinâmica no país nas eleições de 2006.

Em escalas menores também é possível observar essa dinâmica, no território alagoano esse evento é observado no trabalho de Saldanha (2016) quando analisa as eleições presidenciais de 2010, suas análises se restringem apenas a distribuição dos votos de Dilma Rousseff e José Serra no território alagoano, sem trazer análises mais profundas. Em seu estudo, observa que a candidata Dilma recebe mais votos nas mesorregiões do Sertão e Agreste de Alagoas, enquanto Serra recebe mais votos no Leste.

Muitas são as teorias e conceitos possíveis de serem utilizadas para analisar o comportamento eleitoral no estado de Alagoas, dentre elas é possível citar o conceito de formação socioespacial trabalhados por Milton Santos (1979), e os influenciadores do voto trabalhados por Lipset (1967), ambos conceitos colaboram com os caminhos trilhados pela Geografia Eleitoral para compreender as dinâmicas que impulsionam o voto dos eleitores/as.

O conceito de formação socioespacial nos faz compreender os reflexos da formação histórica de uma sociedade em suas dinâmicas sociais, e políticas; já os influenciadores do voto se debruçam sobre aspectos da conjuntura social e geográfica da decisão nas urnas.

Nessa perspectiva o objetivo do presente trabalho é analisar a distribuição dos votos nas mesorregiões Leste, Agreste e Sertão do estado de Alagoas nos últimos quatro pleitos presidenciais – 2010, 2014, 2018, 2022, a partir do conceito de formação socioespacial. O trabalho irá se propor analisar a espacialização dos votos dos candidatos à presidência que foram ao segundo turno (Dilma Rousseff, José Serra, Aécio Neves, Fernando Haddad, Jair Bolsonaro e Lula).

O desenvolvimento dessa pesquisa da continuidade aos estudos sobre a temática iniciadas com um projeto de iniciação científica (PIBIC), que visava analisar a migração eleitoral no estado de Alagoas nas eleições de 2014 e 2018.

Esse estudo torna-se relevante para a sociedade em geral e científica, porque fornece

uma perspectiva espacial e geográfica para a compreensão das eleições, contribuindo para o desenvolvimento de conhecimentos valiosos para a formulação de estratégias políticas e para a compreensão da relação entre sociedade e poder político. Assim como, agrega na literatura já existente sobre o tema, e torna-se pioneira nos estudos da Geografia Eleitoral para o estado de Alagoas, tornando-se assim uma referência para os futuros estudos na área geográfica.

O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro busca fazer uma breve revisão literária contextualizando a Geografia eleitoral, e os principais autores que estudaram sobre a temática e as teorias desenvolvidas ao longo das últimas décadas.

O segundo capítulo aborda a formação socioeconômica e territorial das mesorregiões de Alagoas, e sua relação com as dinâmicas eleitorais presentes no território alagoano.

Por fim, no terceiro capítulo é feita a relação entre os conceitos de formação socioespacial com a distribuição dos votos, no qual são realizadas análises quantitativas utilizando os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), através de espacialização e estudos estatísticos, a fim de compreendermos a construção/desconstrução dos territórios eleitorais.

## 2. O CAMPO DA GEOGRAFIA ELEITORAL

A Geografia Eleitoral é um campo da Geografia Política que busca estudar a relação da distribuição dos votos em um território. Através da Geografia Política é possível investigar temas como as diversas formas de poder existentes dentro dos territórios dos países, assim como analisar as formas e organizações dos governos, fazendo um paralelo junto a outras disciplinas como Ciências Políticas e Sociologia.

O principal estudioso da Geografia Política foi o geógrafo Friedrich Ratzel, segundo Costa (1992) o livro “A Geografia Política” é a principal obra de Ratzel (1897) que expõe seus pensamentos e análises em relação a Geografia Política, dando destaque ainda a importância dos geógrafos e ressaltando sua relevância no processo de descoberta e consolidação do Estado.

Ratzel tem outras obras que abordam tal conteúdo, dentre elas a “as leis do crescimento espacial dos Estados” (1990), e o artigo “O solo a sociedade e o Estado”(1983), que aborda a intrínseca relação do desenvolvimento estatal com a ligação orgânica do povo com o solo. Suas teorias deram base para o primeiro estudo da Geografia Eleitoral por André Siegfried (1875-1959), geógrafo e cientista político francês, na qual relaciona o relevo com a escolha eleitoral.

Segundo Castro e Martins (2012), a partir da década de 1960 a Geografia Política ganha uma nova cara, devido ao interesse dos estudos das eleições e com a inserção de teorias quantitativas. Castro (1992) observa que só a partir da década de 1970 é que terá uma insistência mais profunda em estudar temas como: “a análise da gestão administrativa interna dos espaços nacionais em seus vários níveis, a organização do poder público, o problema da autonomia regional e local, o comportamento político-eleitoral das diversas regiões” (Castro, 1992, p.261).

### 2.1 Geografia eleitoral: breves apontamentos

A Geografia Eleitoral surge na França, na segunda década do século XX, porém sua consolidação somente irá acontecer na década de 1970 vinculada às proposições conceituais da Geografia Quantitativa, que dará o suporte necessário através da utilização de modelos matemáticos e estatísticos atrelados à análise espacial.

Como já indicado anteriormente, o primeiro estudioso a debruçar-se no campo da Geografia Eleitoral foi André Siegfried, em sua obra intitulada como “Quadro político da França Ocidental sob a Terceira República” publicada em 1913. Na obra, o autor faz uma análise da relação dos votos com as características físicas do território estudado, observando as

características geológicas e os diferentes usos e ocupações do solo, com a votação em candidatos de ideologia de direita e esquerda.

Apesar de sua visão considerada como determinista, a obra foi um marco para a consolidação desse campo geográfico, Pereira (2014) destaca que foi a utilização da cartografia como uma ferramenta de análise para compreender a relação do território com os votos, feita no trabalho de Siegfried, que contribuiu significativamente para o surgimento e estabilização do campo. “Siegfried faz uma análise inovadora que marca a fundação de um novo campo acadêmico” (Terron, 2009, apud Pereira, 2014, p.30).

Outro importante nome nos cerne dos estudos da Geografia Eleitoral foi Carl Sauer (1889-1975), geógrafo estadunidense que criou a escola norte-americana de Geografia Eleitoral. Segundo Zanfolin (2006) Sauer recomenda em suas análises a adoção de uma representação por regiões geográficas no estabelecimento dos distritos para as eleições do congresso norte-americano.

Em 1937, o cientista político sueco Herbert Tingsten (1896-1973), realizou uma pesquisa introduzindo a metodologia da análise de dados estatísticos eleitorais e sociais agregados, para analisar a orientação dos votos em Estocolmo. Baseando-se em Johnston e Pattie (2006, apud TERRON, 2009), Tingsten estreou uma corrente metodológica de investigação estatística de dados eleitorais e sociais associados, que se transformou em uma parte constitutiva da Geografia Eleitoral.

Em 1940, os Estados Unidos da América (EUA) e a Inglaterra começaram a desenvolver uma Geografia Eleitoral baseada em métodos quantitativos, afastando-se dos cartográficos, marcando um outro caminho para análises. De acordo com Pereira (2014) foi no final de 1940 e início de 1950 nos EUA que se destaca na área o estudo de Vladimir Orlando Key Jr (1908-1963), cientista político americano, na qual o mesmo se torna referências nos estudos eleitorais ao elucidar o comportamento dos eleitores do sul do EUA, batizado por ele como “amigos e vizinhos”.

Na década de 1960 a Geografia Eleitoral sofreu uma revolução metodológica e técnica, possibilitando uma melhor análise e interpretação das eleições dentro de um território, pela perspectiva do pensamento quantitativo da ciência geográfica. Com essa nova formulação, surgiram novas teorias para a interpretação dos votos e o aprimoramento de metodologias existentes, além da disponibilidade de acervos eleitorais em diversos países.

Na década de 1980, Terron (2012) ressalta que a discussão que envolvia a Geografia Eleitoral se polariza em duas linhas de pesquisa, a primeira é a hipótese de que as redes de interação social, o espaço social, influencia no comportamento eleitoral; e a segunda baseia-se

na premissa que o contexto geográfico, o espaço vivido, exerce mais indução social no eleitor.

Small e Witherick (1992) definiram a Geografia Eleitoral como “estudo dos aspectos espaciais da organização e dos resultados de uma eleição” (Small E Witherick, 1992, p.185 apud Cunha, 2014). Já Trigal e Pozo (1999), defendem que esse campo da Geografia está ligado às avaliações das associações entre o espaço e os desfechos das eleições. Nessa perspectiva, se analisa tanto os resultados das eleições como os sistemas eleitorais, alinhando o espaço e suas relações, que seria a localização, a densidade demográfica, as instituições e outros.

Segundo Sánchez (1992 apud Cunha, 2014), a Geografia Eleitoral possui dois caminhos de estudo, sendo o primeiro uma análise das influências de elementos externos na escolha individual do eleitor, como: localização, renda, taxa de desemprego, e a religião. Esses são fatores que podem influenciar, mas não significam que irão determinar o comportamento do eleitor. O segundo momento, é relacionado ao estudo dos distritos eleitorais, no qual o principal fator influenciador é o peso desigual do voto. Esse segundo caminho é aplicado especialmente a regiões geográficas que tenham como divisão distritos, o que não acontece no Brasil.

Medus (1997) observa em seu trabalho que boa parte dos estudos da Geografia Eleitoral estão voltados primordialmente para os eleitores, porém a autora destaca que outros caminhos desse campo foram sendo explorados, como pesquisas sobre diferentes tipos de eleições, assim como a variável que influenciam a escolha do eleitorado.

Ainda em Medus (1997), a mesma enumera as cinco grandes áreas de estudo da Geografia Eleitoral, são elas:

- a) la organización espacial de las elecciones, con especial referencia a la definición de circunscripciones; b) las variaciones espaciales en las pautas de voto, más las relaciones entre éstas y otras características poblacionales, en concreto las clase social; c) la influencia de los factores ambientales y espaciales en las decisiones sobre el voto; d) las estructuras espaciales de representación producidas al traducirse los votos en escaños en un parlamento u organismo similar, e) las variaciones en el espacio del reparto de poder y de la implementación de las políticas que reflejan las pautas de representación. (MEDUS, 1997, p. 19)

Voltado para a reestruturação desse campo geográfico, Sandra (1981) traz em seu estudo como inovação metodológica a teoria behaviorista<sup>1</sup> nos estudos geográficos das eleições. “La aproximación behaviorista al comportamiento electoral intenta determinar los mecanismos que influyen en la toma de decisión de cada individuo, considerando el contexto espacial en que éste vive” (SENDRA, 1981, p. 02). Ou seja, as relações espaciais que o indivíduo está imerso, rede de informação, influenciam na escolha dos eleitores.

---

<sup>1</sup> Conhecido como comportamentalismos, tem como objetivo principal o estudo do comportamento. Quando aplicado às eleições, consiste no estudo do comportamento eleitoral.

Segundo Sendra (1981), Cox (1969) reúne em seu estudo os fatores que exercem tal influência, seriam eles: influência da estrutura social; maioria social; amigos e vizinhos; efeito de migração; e proteção local, cada fator foi objeto de diversos estudos na década de 60.

Lipset (1967) em seu livro o “homem político”, aborda alguns desses elementos ao analisar o comportamento eleitoral, e discutindo os fatores que levam os indivíduos a querer participar das eleições. Entre eles podemos citar: A estrutura social a qual o indivíduo está inserido, nesse contexto podemos exemplificar, o ambiente de trabalho e a religião; e a influência da vizinhança, que está ligada ao contexto local em que o eleitor está introduzido.

Trigal e Pozo (1999) apud Cunha e Martins (2017) destacam quatro efeitos estruturais que podem exercer influência na escolha do voto, esses efeitos são próximos teoricamente dos que Sendra (1981, apud Cox, 1969) cita em seu estudo. São eles: efeitos de amigos e vizinhos, efeito de proteção local, este refere-se ao assunto específico em um pleito que pode ter mais relevância em determinada região em relação a outras, resultando em uma defesa local. Efeito de campanha eleitoral, e efeito de vizinhos.

É importante destacar que os efeitos de amigos e vizinhos e vizinhança citados pelos três autores, têm significados diferentes, no qual o efeito de amigos e vizinhos está associado à comunicação entre indivíduos próximos, ou seja, que estão no mesmo ciclo socioespacial. Já o efeito de vizinhança, “busca explicar os motivos pelos quais determinados partidos obtêm melhores resultados em certas áreas” (Cunha e Martins, 2017, p. 50).

Castro (2005) segue a mesma linha de raciocínio dos autores anteriores ao considerar os quatro efeitos já citados, como possibilidade de afetar o comportamento eleitoral. Porém ela vai além e cita algumas variáveis que podem exercer também esse comportamento, que estão dentro da lógica dos quatro efeitos, são elas: estrutura socioprofissional da população, gênero, escolaridade, religião, tradições políticas, faixa etária, entre outros.

Para Terron (2012) a base das discussões teóricas da Geografia Eleitoral são, “o efeito de vizinhança, a influência das redes sociais, e o impacto do contexto geográfico sobre a decisão do eleitor”(p. 13).

É relevante destacar que esses efeitos são fatores que podem influenciar, cabendo ao pesquisador não as tratar como determinantes e nem generalizar, a fim de evitar falácias ecológicas, como supor que resultados obtidos em um local específico se aplicam a toda a população e a outros lugares, é relevante considerar as condições locais a qual a eleição está inserido.

Nas ciências geográficas o campo da Geografia Eleitoral foi deixado um pouco de lado, no entanto a mesma ganhou significativa expressão nas ciências sociais, e com a introdução de

métodos estatísticos, ela foi perdendo um pouco de sua essência analítica no contexto socioespacial, embora nas décadas mais recentes venha ganhando cada vez mais espaço na ciência geográfica, incluindo os estudos brasileiros, que se destaca por meio da utilização de ferramentas espaciais para elucidar suas análises, que será discutido no próximo tópico.

## 2.2 Geografia Eleitoral no Brasil

Segundo Vieira (2012) às discussões e estudos iniciais sobre a Geografia do voto no Brasil apareceram na década de 1970, com as análises de David Fleischer (1976) no artigo “Concentração e Dispersão Eleitoral: um estudo da distribuição geográfica do voto dos deputados estaduais em Minas Gerais – 1966/1974”, na qual se preocupou em examinar a distribuição de votos para Deputado Federal em Minas Gerais.

Um outro autor segundo Vieira (2012) que contribuiu consideravelmente para os avanços metodológicos dos estudos eleitorais no Brasil foi Barry Ames (2001) na obra “The deadlock of Democracy in Brazil”, que analisou os padrões de votação dos candidatos a deputado no Brasil o seu desempenho nas eleições municipais.

Ainda segundo Vieira (2012), a obra de Nelson Carvalho (2003) de título “E no início eram as bases: geografia política do voto e comportamento legislativo no Brasil”, auxiliou significativamente na ampliação das análises acerca da distribuição espacial dos votos. “Carvalho detalha os padrões de concentração, dispersão e dominação sobre o voto em diferentes regiões do Brasil e pode ser considerado como um dos principais trabalhos realizados sobre a Geografia Política” (VIEIRA, 2012, p. 73).

Segundo Terron (2012) os estudos da Geografia Eleitoral no Brasil, utiliza de abordagens cartográficas, buscando novas formas de teorizar e interpretar os dados dos processos eleitorais, no país esse campo ganhou um pluralismo, tendo uma variedade na explanação, abarcando vieses como: decisão do voto, reforma política, e distribuição dos votos.

Toledo Júnior (2007) observa que os estudos da Geografia Eleitoral no Brasil, ainda estão muito restritos ao trabalho de poucos pesquisadores, destaca a produção da cartografia eleitoral e as análises eleitorais por cientistas políticos, mas não por geógrafos.

Essa realidade ainda permanece não muito alterada, esse campo da Geografia não é amplamente pesquisado no Brasil, ao realizar uma pesquisa na plataforma *Scopus* é possível observar essa realidade.

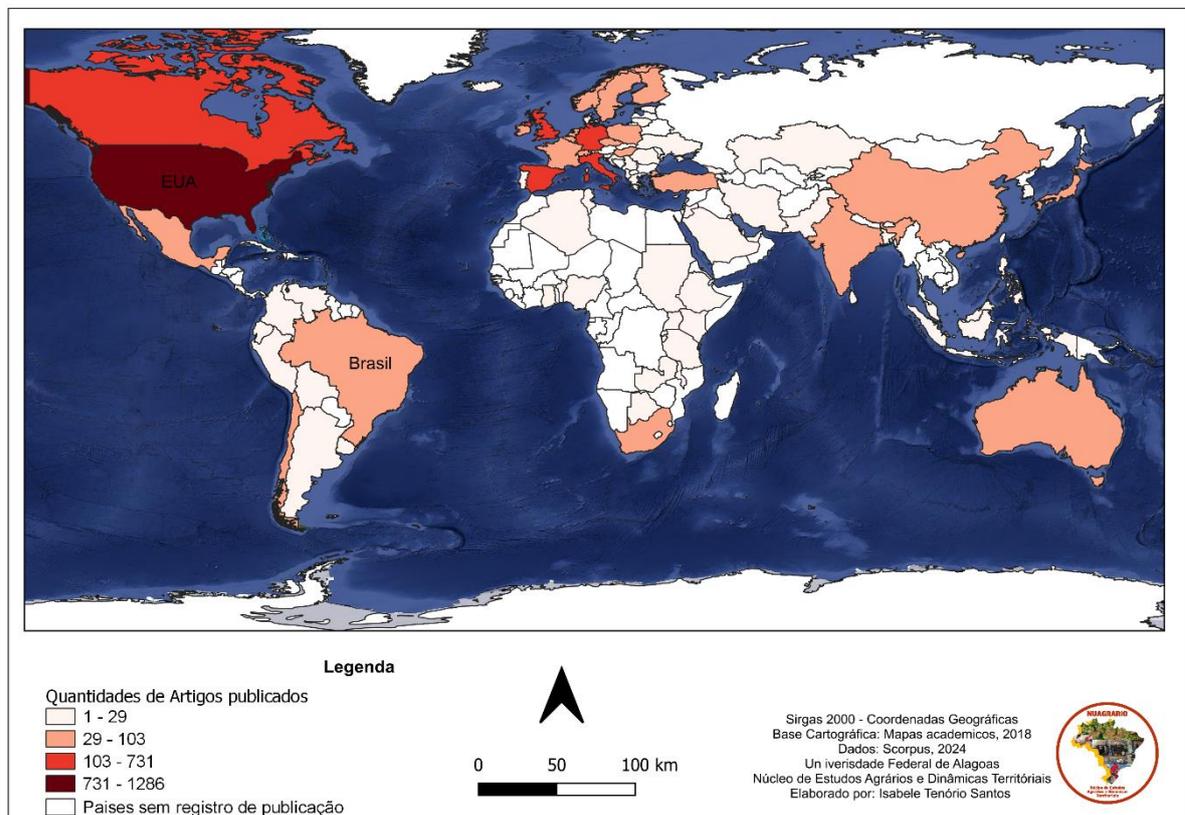
Para análise da Geografia Eleitoral foram utilizados dois termos, “*election geography*” e “*vote geography*”, visto que os artigos de maiores buscas estão em escritos em língua inglesa.

Foi utilizado o operador booleano “or” para buscar dados sobre todas as publicações que abordassem eleição, ou voto, com a ciência geográfica.

A figura 1 demonstra o quantitativo das publicações sobre a Geografia Eleitoral no mundo, na qual o Brasil tem valores inferiores a países como Estados Unidos da América (EUA), sendo identificadas apenas 75 publicações brasileiras, enquanto nos Estados Unidos 1286.

O EUA é o país que mais publica trabalhos com essa temática, isso pode estar relacionado ao fato desse campo se desenvolver há mais tempo no país comparado ao Brasil, segundo Terron (2012) a Geografia Eleitoral nos EUA surgiu na década de 1940.

**Figura 1: Distribuição das publicações com o tema Geografia Eleitoral entre os anos de 2000-2024 no mundo**



Fonte: Elaborado pela autora.

### 2.3 Voto: uma variável territorial

O voto está diretamente ligado à categoria geográfica território, devido sua relação direta com o poder, existindo disputas e conflitos para permanência nesses territórios. “Os sistemas político e eleitoral, enquanto estrutura de poder, proporcionam determinadas possibilidades de uso do território. Isso ocorre porque o território é constituído pelos agentes sociais, com interesses diversos” (Zanfalin, 2006, p. 17)

O processo eleitoral envolve os diversos agentes territoriais, seja de forma direta ou indiretamente, tendo cada um o seu papel bem definido. O Estado tem o papel de assegurar a devida progressão do ciclo de votação, coibindo os excessos, promovendo e ajudando os indivíduos a votar; a população tem o papel de eleitor e pode ser candidato; e as empresas, podem agir como financiadores das campanhas eleitorais.

O voto pode ser interpretado por todos os vieses e compreensão dessa categoria, na qual o território no presente trabalho é visto como político-administrativo, ao entender que as eleições ocorrem na escala regional, estadual e municipal; na qual existem fortes relações de poder, e estratégias políticas. “A representação política, em sua essência, sempre incorporou o cidadão e seu espaço de vida, ou o espaço dos seus interesses - o território” (Castro, 2005, p. 149)

Para melhor compreender o conceito de território e sua relação com os votos serão abordados o seguir alguns conceitos que contribuem para compreendermos essa relação.

Segundo Raffestin (1993), território e espaço são conceitos distintos, porém não existe um território sem o espaço, é a partir dele que o território se forma, sendo resultado de sua apropriação concreta ou abstrata, mostrando-se em variadas escalas.

Em seu conceito, a palavra chave para o território são as relações de poder, que modelam e criam territorializações. “O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (Raffestin, 1993, p.144).

Nessa mesma perspectiva, Andrade (2004) defende que essa categoria está intrinsecamente ligada à de controle ou de administração de uma determinada área. Para ele, “deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas”. (Andrade, 2004, p. 19).

Ao relacionarmos com as eleições, observamos que cada candidato tem sua base de apoio em uma área, assim concentra seus recursos e empenho onde têm maior influência,

criando redutos eleitorais no qual haverá relações de poder sobre aquela área, ao utilizarmos a cartografia podemos observar a espacialização dessa territorialização.

Para o geógrafo francês Jean Gottmann (1975) o conceito de território está envolto das relações políticas e geográficas, observando que o território não é apenas algo físico, delimitado por barreiras, mas também um fragmento do espaço geográfico com dinâmicas e organizações particulares, regido por processos políticos que definem os usos e intenções no território.

Território é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é o recipiente físico e o suporte do corpo político organizado sob uma estrutura de governo. Descreve a arena espacial do sistema político desenvolvido em um Estado nacional ou uma parte deste que é dotada de certa autonomia. (Gottmann, 1975, p.523).

Gottesman (1975) ao observar o território como área espacial do sistema político, nos leva a relacionar-se ao fato das eleições serem parte central dessa arena, na qual os seus resultados estabelecem a composição do corpo político, atuando sobre os caminhos que o governo tomará, influenciando na dinâmica político, social e econômica existente no território.

Para Milton Santos (2005), o território representa para além das definições anteriores, está diretamente ligado à relação de uso do espaço geográfico pelos agentes territoriais, é sinônimo de espaço habitado, sendo paralelamente material e social, na qual engloba as relações de poder, econômico, social e político, e se organiza nos estados nações, e/ou nas formações socioespaciais. Essa perspectiva é denominada de território usado.

Milton Santos (2005) ao observar que compreendemos a noção de território como conceito puro, destaca que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social” (Santos, p. 07, 2005). Em vista, que é a partir do uso que ocorre as dinâmicas socioespaciais, que organiza territorialmente a sociedade, ou seja, o território usado será na perspectiva miltoniana objetos e ações.

Dessa forma, “o território usado é constituído pelo território forma – espaço geográfico do Estado – e seu uso, apropriação, produção, ordenamento e organização pelos diversos agentes que o compõem: as firmas, as instituições – incluindo o próprio Estado – e as pessoas” (Queiroz, 2014, p.157).

Os partidos políticos são também agentes territoriais e políticos, os quais se apropriam do território através do envolvimento estratégico com figuras relevantes da política e economia local, o que contribui para uma melhor identificação dos eleitores com os candidatos dos partidos. Assim como aderindo à “alianças inconsistentes e personalização da política até ligação com governantes anteriores “bem sucedidos”, a ação dos partidos sobre o espaço se molda com o intuito de vencer os processos eleitorais” (Furtado, Colvero e Jovino, 2018, p.12)

E assim agir sobre ele através das relações de poder, criando e recriando territórios políticos.

A partir dessa concepção Silveira (2011), observa que “o território usado é assim uma arena onde fatores de todas as ordens, independentes da sua força, apesar de sua força desigual, contribuem à geração de situações” (Silveira, 2011, p.05). Ou seja, todos os elementos existentes no território, mesmos os de menor força, têm o seu papel na formação do campo de força e nas interações existentes neles.

Maria Adélia Aparecida de Souza (2019)<sup>2</sup>, interpreta o conceito de território usado como a historização do espaço geográfico, no qual seu uso é determinado pelas relações sociais e políticas.

É no território usado que ocorrem as dinâmicas sociais e políticas, que os eleitores irão levar em consideração de forma consciente ou não na hora de votar. E a partir do mapeamento temático, é possível melhor interpretar as diversas relações existentes, assim como os territórios políticos dos eleitores e candidatos, espacializando dados como a distribuição dos votos.

Segundo Castro (2005) a Geografia colabora consideravelmente para a análise e elaboração da distribuição espacial dos votos, a qual poderá ser correlacionado com outras variáveis. A cartografia por sua vez exerce fundamental relevância nos estudos da Geografia Eleitoral, em vista da sua função de simbolizar a realidade espacial dos votos através dos mapas.

Dentre os estudos eleitorais que utilizando em sua metodologia a espacialização os votos como método de análise, podemos citar o estudo de Rodrigues, Santos e Alves (2014), “A geografia eleitoral do estado do Tocantins: análise das eleições para governador de 1988 a 2010”, o estudo busca analisar a distribuição espacial dos votos dos candidatos a governador do estados dentro do período de 1988 a 2010, identificando as territorialidades dos votos, e os domínios eleitorais estabelecidos dentro desse período no estado de estudo.

Dessa forma, compreendemos como a Geografia Eleitoral está intrinsecamente envolvida com o conceito de território, em vista que retratam as dinâmicas, transformações e permanência do espaço político eleitoral do território brasileiro. Essa relação contribui para a compreensão da distribuição espacial dos votos e seu comportamento em diferentes territórios político-administrativos, assim como possibilita o discernimento da organização territorial dos partidos políticos e seus candidatos. Além de contribuir na elaboração de estratégias políticas

---

<sup>2</sup> Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=S6zn7FW3KQg&ab\\_channel=MariaAd%C3%A9liaDeSouza](https://www.youtube.com/watch?v=S6zn7FW3KQg&ab_channel=MariaAd%C3%A9liaDeSouza). Acesso em: 17 de dezembro de 2024, às 20:30.

de campanha e governança, considerando que permite a percepção das condições socioeconômicas, educacionais e informacionais de seus eleitores, ademais das circunstâncias que influenciam os pleitos.

Baseado no que foi exposto, os próximos capítulos se preocupam em discutir sobre a formação socioeconômica do estado de Alagoas, e sua relação com o comportamento eleitoral nos municípios alagoanos.

### **3. FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA E TERRITORIAL COMO VARIÁVEL ELEITORAL**

A categoria formação sócio-espacial proposta por Santos (1977) foi elaborada visando um entendimento da totalidade espacial na escala nacional, o território enquanto uma totalidade, entretanto, como propõe Mamigonian (1996) o conceito não é um fator limitante à análise regional, podendo ser utilizada em outras escalas geográficas.

Segundo Whitacker (2019) o conceito de Formação econômica-social (FES) parte primeiramente dos estudos de Karl Marx, sendo compreendido por ele a relação da materialidade de determinadas sociedades com o modo de produção. Nesse conceito observa-se a perspectiva histórica dos fatos, sendo compreendido a relação histórica dos arcabouços do modo de produção na formação de uma sociedade, e como esse processo reflete nas dinâmicas sociais e econômicas da contemporaneidade.

O modo de produção capitalista segundo Machado (2016), estaria em cada formação social específica, atrelada a outros modos de produção subalternos, contribuindo para que haja uma diferença entre as sociedades. Dessa forma, compreendemos que as sociedades são diferentes entre si, em vista da sua formação social não ser igual, dado que no ponto de vista da FES, o modo de produção seria um conceito abstrato.

Milton Santos debruça-se sobre a temática a partir de meados de 1960 – 1970, contribuindo significativamente para a Geografia. Segundo Machado (2016) e Whitacker (2019), a afinidade de Santos com o marxismo e a proposta da formação socioespacial vinculase à preocupação em entender o espaço geográfico como fragmento do procedimento de totalização histórica como consequência de determinados modos de produção e de suas pertencentes formações econômicas e sociais. Compreendendo dessa forma, que o espaço geográfico é produto das relações sociais de produção.

Nessa perspectiva, Milton Santos propõe a categoria Formação Socioespacial em 1977 em sua obra “Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método”. Em sua obra, o autor critica o fato de muitos geógrafos ao estudarem o espaço se debruçaram mais profundamente na forma, deixando de lado a formação daquele espaço, levando a uma interpretação sem muito contexto social. Ainda desperta para o fato da inexistência de uma história sem o espaço, assim como não existe uma sociedade a-espaço.

Santos (1977) provoca para o fato da categoria Formação Econômica e Social apresentase como a mais apropriada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço. Segundo o

autor essa categoria é indissociável do espaço, no qual ele destaca o fato de ser uma categoria de Formação Econômica, Social e Espacial, ou simplesmente Formação Socioespacial.

A partir dessa categoria é possível compreender as particularidades de cada sociedade, investigar o porquê daquelas configurações sociais permearem o espaço de uma dada sociedade, em vista que a categoria busca compreender a evolução diferencial das sociedades, partindo da explicação da produção, em que o ser humano transforma o espaço através do seu trabalho.

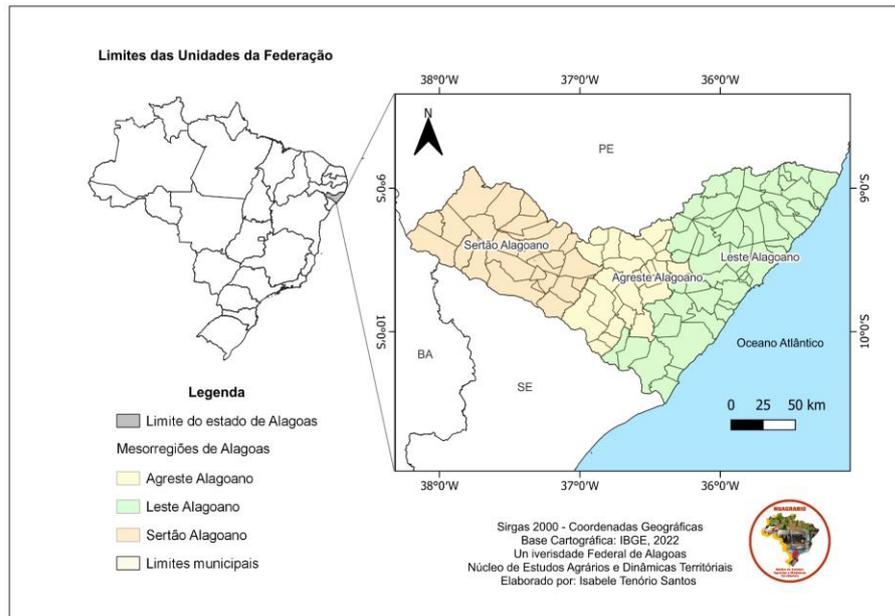
Manchado (2016) compreende que Milton Santos mira a formação econômica e social por sua habilidade de assentir o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e suas frações, destacando as similaridades entre diferentes formações e as especificidades de cada uma.

Esse conceito é fundamental para compreendermos como a estrutura socioeconômica de Alagoas, contribuem para analisarmos a distribuição dos votos no estado e como a estrutura econômica posta nas três mesorregiões influenciam no processo eleitoral. Dessa forma, será discutido inicialmente sobre a formação da unidade federativa e as estruturas econômicas presentes na mesma.

### **3.1 Formação Econômica e Territorial de Alagoas**

O estado de Alagoas, é um dos nove estados da macrorregião do Nordeste brasileiro, possui 102 municípios, e tem três mesorregiões reconhecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), denominadas como: mesorregião do leste alagoano, mesorregião do agreste alagoano, e mesorregião do sertão alagoano. Limita-se ao norte com o Estado de Pernambuco, a Leste com o Oceano Atlântico, ao sul com o Estado de Sergipe e a oeste com a Bahia (figura 2).

**Figura 2: Localização da área de estudo**



Fonte: Elaborado pela autora.

O território alagoano teve seu processo de formação iniciado no Brasil colônia, fazendo parte da Capitania hereditária de Pernambuco, pertencente ao donatário Duarte Coelho. Nesse período, o Brasil estava dividido em treze capitanias hereditárias, subdivididas em sesmarias, o que contribuiu para a ocupação do território brasileiro, e principalmente para a instalação dos primeiros engenhos de açúcar e rebanho bovino, em vista que inicialmente a única economia realizada na colônia portuguesa era a extração do pau-Brasil.

Sobre o solo pernambucano foi instalada a produção de cana-de-açúcar, que se estendia pela parte litorânea; e o rebanho bovino, ficou na região mais central, pois tinha um custo baixo de transporte, por meio da tração animal. Essa configuração deu os primeiros passos para os arranjos produtivos e territoriais presentes no estado na contemporaneidade.

Segundo Silva e Calheiros (2019), as primeiras povoações da futura Alagoas ocorreram por volta de 1590, Porto Calvo, Alagoas do Sul (atual Marechal Deodoro), Penedo, e Santa Luzia do Norte. Os povoadamentos foram se expandindo conforme a expulsão dos indígenas, e a produção de cana-de-açúcar e fazendas bovinas. As missões de povoamento tinham intuito não só econômico, mas de dominação territorial, sobretudo contra as atividades indígenas e invasão dos inimigos da coroa portuguesa. Esses núcleos serviam para a defesa militar e administração do sul do território alagoano.

No que se refere a algumas características desses núcleos podemos destacar: Porto Calvo, que teve sua gênese em 1590, considerada como polo de características próprias, onde dava

acesso aos vales do Camaragibe e do Santo Antônio, e tinha a presença forte da cana-de-açúcar. Penedo, surgiu em 1570 marcada como um polo de colonização fluvial, por onde ocorreu a expansão da sociedade de pastoreio.

Santa Luzia, situada entre duas lagoas (Mundaú e Manguaba), desempenhou o papel essencial na conquista e ocupação do planalto interior. E Marechal Deodoro, por sua vez, teve um status de grande importância para o território alagoano, sendo a primeira capital do estado. Com o tempo, esses povoados acabaram perdendo relevância para outros núcleos que foram surgindo, por exemplo, Marechal Deodoro, que deixou de ser a capital.

A organização espacial de Alagoas se deu pelos limites do Rio São Francisco, que por sua vez desempenhou o papel de “estrada” hídrica de penetração e ligação de seus afluentes. Além de ser a principal rota de distribuição de mercadoria para o exterior. Observa-se que a ocupação do território alagoano vai se iniciando e se expandido a partir dos corpos hídricos, o litoral e o Rio São Francisco. Ao longo das décadas esse território foi se interiorizando cada vez mais, saindo de 1900 km<sup>2</sup> no século XVI para 15.500 km<sup>2</sup> no século XIX. E com esse aumento vão surgindo vilas e povoados como: Maceió, Poxim, São Jesus do Camaragibe, São Miguel dos Campos, Atalaia e outros.

É relevante ressaltar o surgimento de Maceió, que inicialmente era uma vila pertencente a Marechal Deodoro, mas foi desmembrada e ampliada em 1815, devido a necessidade de ocupação e colonização da região da mata em rumo a região da praia. Devido a sua boa localização e seu crescimento, tornou-se cidade e capital da Província de Alagoas em 1839.

Com a expulsão dos indígenas para o interior de Alagoas, e a concretização da ocupação produtiva, com a cana na zona da mata, e a pecuária no sertão e agreste, em 1706 terminava o processo de ocupação territorial de Alagoas, na qual ela passava a ter status de comarca, com seis povoados próximos ao litoral, Porto Calvo, Penedo, Alagoas, São Miguel dos Campos, Santa Luzia do Norte e Matriz de Camaragibe.

Já com status de comarca, o devido surgimento do território de Alagoas ocorreu em 1817, com o reconhecimento de sua contribuição à derrota da revolução pernambucana, além de sua importância econômica e social. O processo de desligamento de Pernambuco foi concretizado apenas com a mudança do período colonial para o império, em 1822, no qual foi designada como província.

Com a Proclamação da República e a Constituição de 1891, houve o surgimento dos estados brasileiros, na qual as províncias passaram a ser denominadas como estados. Nesse período a província de Alagoas era formada por 29 municípios, 14 comarcas, 21 juizados municipais, 7 cidades e 22 vilas. Dessa forma, se dava a organização inicial do Estado de Alagoas, que tinha

o território fisicamente limitado pelo oceano Atlântico, Rio São Francisco e cerca de 415 km de divisa com Pernambuco.

Constituída como unidade da federação, algumas vilas de Alagoas foram se emancipando politicamente como: Colônia Leopoldina, Arapiraca, e outras, fazendo parte dos municípios que já existiam no período histórico anterior, nesse processo foram sendo emancipadas várias cidades, chegando ao número atual de 102 municípios, distribuídos em três mesorregiões reconhecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

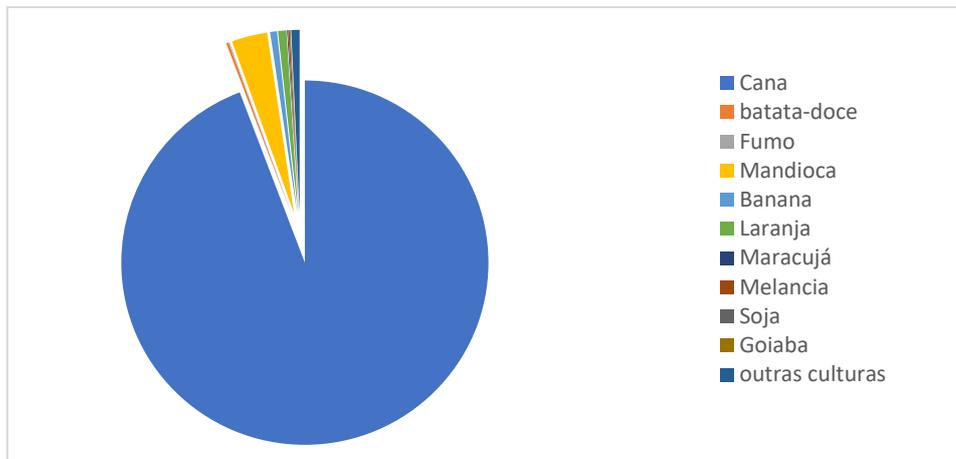
A mesorregião do leste alagoano, com a maior quantidade de municípios 52 e é a mais populosa, tem como base econômica a cana-de-açúcar e algumas indústrias voltadas à produção cloroquímica. Já o agreste alagoano, com 24 municípios, sua economia base é a policultura, enquanto o sertão alagoano, com 26 municípios, tem uma base produtiva voltada para a agricultura e pecuária. Atualmente o estado contém 2 regiões intermediárias (Maceió e Arapiraca) e 11 regiões imediatas, e sua capital é Maceió.

A formação econômica do território alagoano teve seu pontapé iniciado no período colonial, com a ocupação dessas terras pelos portugueses no século XIV. “A terra se destinou para cana, pecuária e extração de madeira, atividades que se desenvolveram ao longo de três séculos, ocupando a primitiva região sul de Pernambuco” (Carvalho, 2021, p. 24).

A cana-de-açúcar e a pecuária foram as principais organizações de uso e ocupação do solo alagoano, na qual permanece até a contemporaneidade. Ambas atividades econômicas caracterizam paisagística e economicamente as mesorregiões do território alagoano, os aspectos naturais foram os principais responsáveis por isto.

É importante destacar que a produção agropecuária de Alagoas abrange outros tipos de produção e criação, como a produção de raízes. Nos gráficos 1, podemos observar as produções agrícolas que mais produziram em 2022 no estado de Alagoas, se destaca além da produção canavieira com 17.050.772 toneladas; a mandioca com 569.894 toneladas; a laranja com 132.369 toneladas; e banana com 108.231 toneladas. Essas culturas são produzidas principalmente pela agricultura familiar alagoana, que faz um importante papel na produção alimentar do estado.

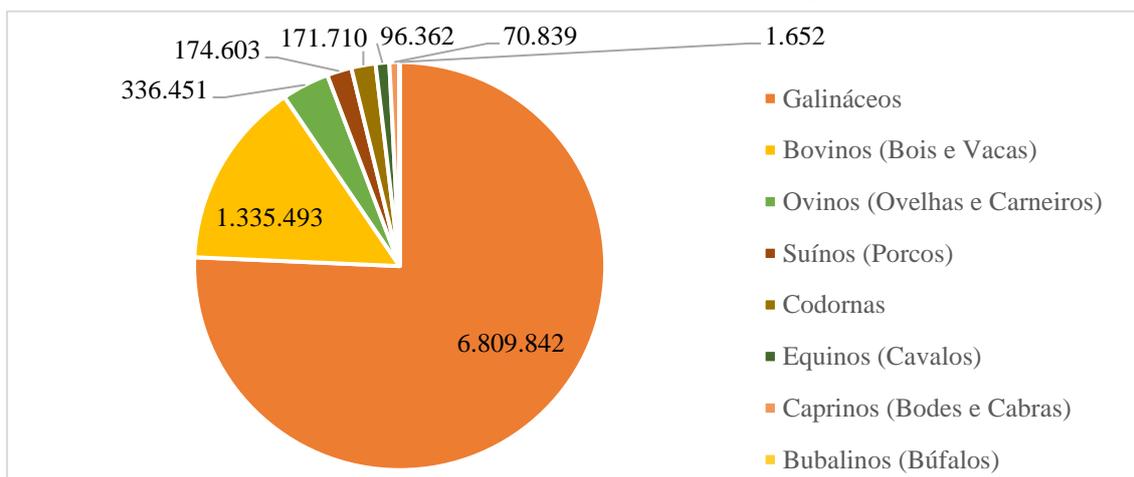
**Gráfico 1: Quantidade de produzida na agricultura em 2022 no estado de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Produção Agrícola Municipal (2022) - IBGE.

Ao que se refere a produção da pecuária alagoana, podemos observar no gráfico 2 a quantidade de cabeças dos rebanhos presentes no estado. Destaca-se com a maior quantidade a produção de galináceos com mais 6 milhões de aves, em seguida a produção bovina com 1 milhão de cabeças; e destaca-se também os ovinos (ovelhas e carneiros) com 336.451 cabeças.

**Gráfico 2: Quantidades de cabeças de rebanho no estado de Alagoas em 2022**



Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Pesquisa da Pecuária Municipal (2022) - IBGE.

A produção agropecuária alagoana é diversa, porém as culturas e criações que se destacam e tem uma representação histórica é a cana-de-açúcar e a produção bovina, dessa forma será discutido nos próximos tópicos como se deu o processo de territorializações dessas produções.

### 3.1.1 Território da Cana-de-Açúcar

O cultivo da cana-de-açúcar em Alagoas teve início no período colonial, quando ainda fazia parte da capitania hereditária de Pernambuco, e foi marcado por três fases ligadas ao avanço técnico e científico, os banguês, engenhos centrais e as usinas e destilarias, que permanecem em funcionamento.

Os engenhos banguês foram os primeiros meios para a produção do açúcar no período colonial, sua mão de obra se baseava no trabalho escravizado. Sua composição era formada pelo moinho da cana movido a tração animal; a casa-grande; as senzalas; e também podia haver a presença de capelas, onde exerciam dominação sobre os escravizados (indígenas e africanos).

Com a constituição dos engenhos surgiram a classe social dos senhores de engenhos, que continham grandes quantidades de terras e operários escravizados, estando ligados interinamente à produção de cana, formando assim a elite agrária, latifundiária de Alagoas.

Os engenhos banguês foram bastante influentes na sociedade alagoana, eles se estenderam até as últimas décadas do século XIX quando surgiu a Revolução Industrial. As novas técnicas de produção de açúcar começaram a surgir em Alagoas, e com isso também veio a extinção do trabalho escravo com a Lei Áurea, assim, depois de algum tempo “aparece” o trabalho livre, para substituir a mão-de-obra escrava. (Santos, 2022, p. 22).

Os engenhos tiveram um papel relevante na formação da sociedade alagoana, principalmente no surgimento dos primeiros núcleos de povoamento, que se desenvolveram em torno desses engenhos. Santos (2022) cita alguns municípios que surgiram a partir de vilas e povoados que tinham a presença de engenhos, como Pilar, Marechal Deodoro, Porto Calvo, e a capital alagoana Maceió.

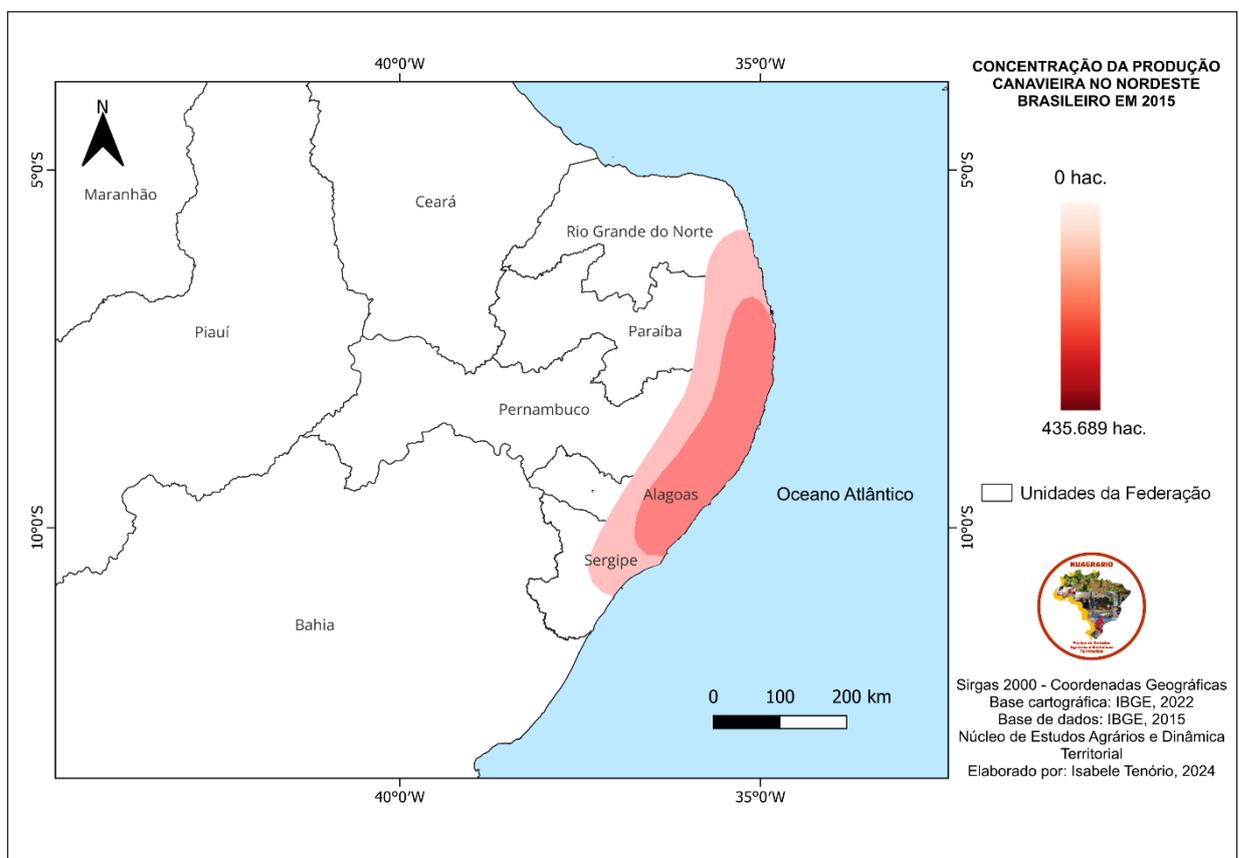
Carvalho (2021), observa que essa atividade econômica foi responsável por organizar o espaço rural dessa região, além de introduzir a mão de obra escravizada e a constituição de grandes latifúndios ligados ao cultivo dessa monocultura. Formando “uma sociedade hierarquizada, de castas, escravistas, senhorial, de traços feudais, que influenciou profundamente a vida alagoana. Um sistema de vida familiar, econômico e cultural que ao longo dos séculos condicionou o *ethos* da sociedade alagoana” (TENÓRIO, p. 06, 2011), que permanecem no poder até a contemporaneidade.

Com a substituição da mão de obra escravizada pela assalariada, e incentivos do governo imperial, vão surgindo os engenhos centrais, diferentemente dos banguês possuíam uma estrutura mais moderna, e se destinavam a produção mais mecanizada do açúcar, em vista que na segunda metade do século XIX a cana alagoana estava perdendo espaço no mercado externo.

Destaca-se que as três estruturas não se excluíram, mas permaneceram existindo juntas, no entanto com o desenvolvimento das usinas, os engenhos foram perdendo espaço por possuírem uma tecnologia ultrapassada, e com o tempo foram sendo desativados.

A ocupação dessa atividade ocorreu principalmente na faixa litorânea e da mata do estado, mas com o passar do tempo vai se expandindo aos poucos para o agreste e sertão. A figura 3 indica que a concentração da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro está primordialmente presente no sul de Alagoas e Pernambuco.

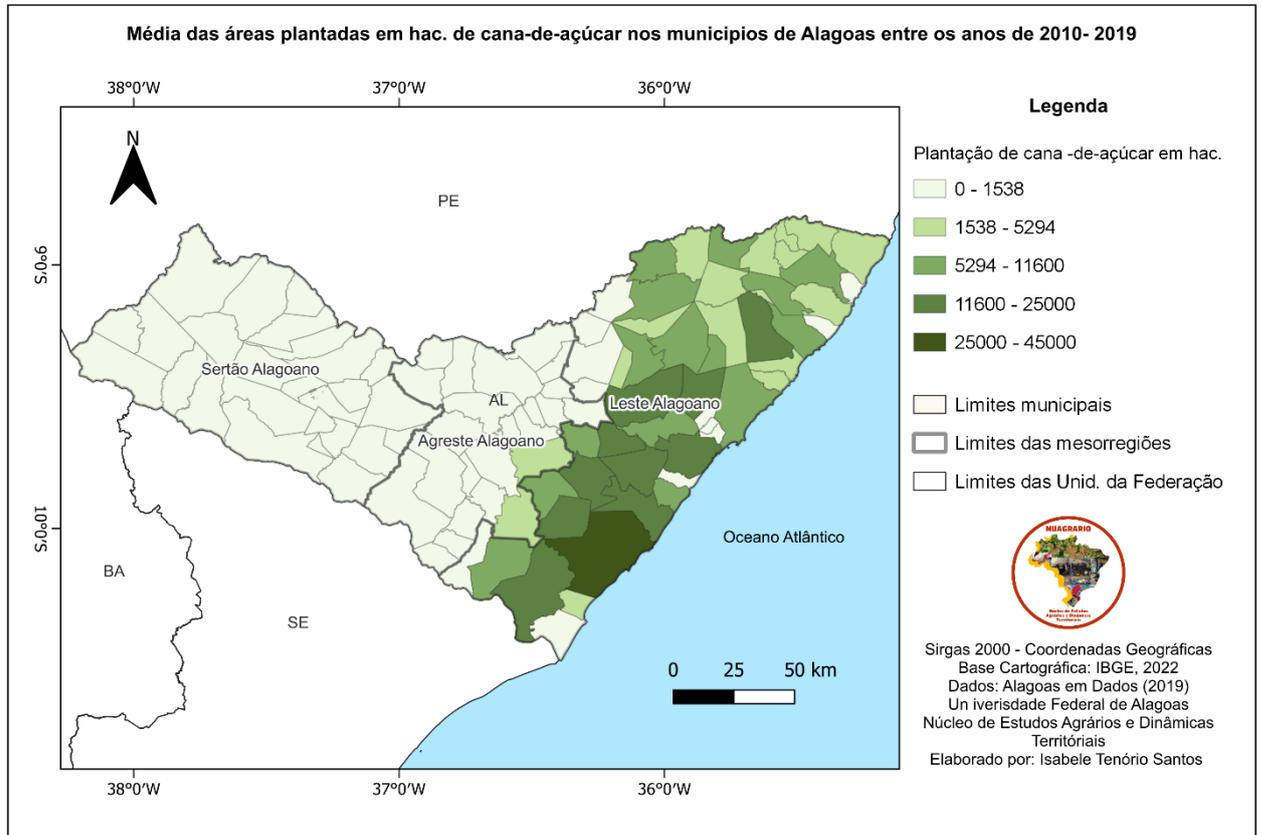
**Figura 3: Concentração da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro em 2015**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em IBGE (2015)

Na figura 4 observamos que a produção de cana-de-açúcar tem predominância na mesorregião do leste alagoano, o que reflete além da composição econômica, mas também na social e política dessa região. A presença da monocultura em outras mesorregiões, não se mostra tão expressiva quanto nessa região. A figura 4 apresenta nitidamente os municípios que tem uma quantidade significativa de hectares plantados da monocultura.

**Figura 4: Espacialização da média das áreas plantadas de cana-de-açúcar em hectares nos municípios do estado de Alagoas entre os anos de 2010 a 2019**



Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Alagoas em Dados (2023)

A tabela 1 exibe os hectares plantas de cana nas mesorregiões de Alagoas entre os anos de 2010 até 2022.

**Tabela 1: Hectares de cana-de-açúcar nas mesorregiões do estado de Alagoas em 2010 a 2022**

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2022
<b>Leste</b>	421.373	421.373	420.219	430.951	406.090	300.620	299.458	316.628	280.933	297.927	272.665
<b>Agreste</b>	12.909	13.223	12.993	13.988	13.888	7.293	7.144	5.340	4.315	6.783	5.480
<b>Sertão</b>	88	88	88	94	94	93	65	26	27	38	55

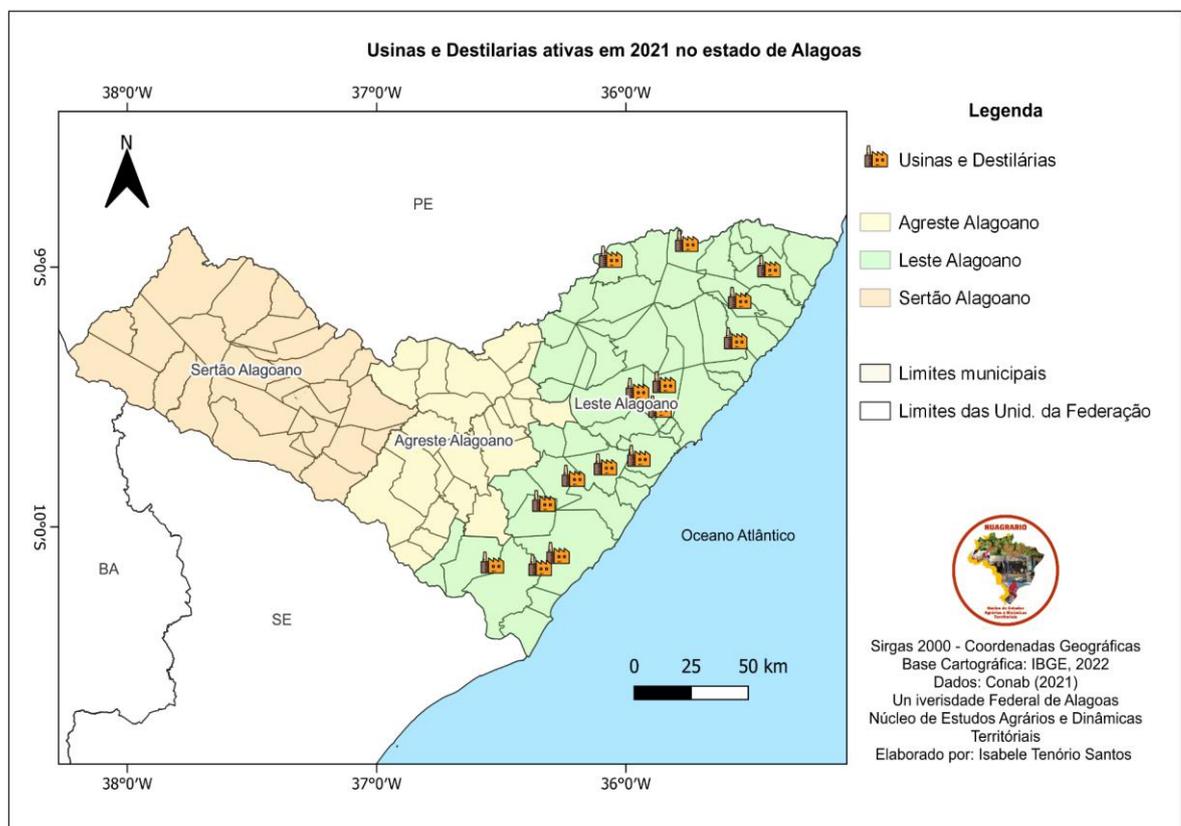
Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Alagoas em Dados, (2023) e SEAGRI, (2024).

A partir da tabela alinhada a figura 4, podemos observar a forte e continua presença de cultivo na mesorregião Leste, enquanto que na região do Agreste se mostra menos presente, enquanto no Sertão sua presença é ínfima. Nota-se que entre 2010 a 2022, a quantidade de

hectares plantados no Leste diminuiu em quase metade, no entanto ainda concentra a maior parte da produção canavieira, e se mostra estável desde 2015 não ultrapassando os 316 ha.

A figura 5 ilustra a distribuição espacial das usinas e destilarias alagoanas ainda ativas no ano de 2021, conforme Companhia nacional de abastecimento (Conab). Essa disposição transparece a concentração dessas indústrias no leste alagoanos, motivados pela presença das plantações de cana na mesma localidade. A existência dessas usinas e destilarias, remetem ao avanço do processo técnico e científico que contribuiu para a permanência da produção canavieira ao longo dos séculos.

**Figura 5: Distribuição das usinas e destilarias ativas no estado de Alagoas em 2021**



Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Conab (2021).

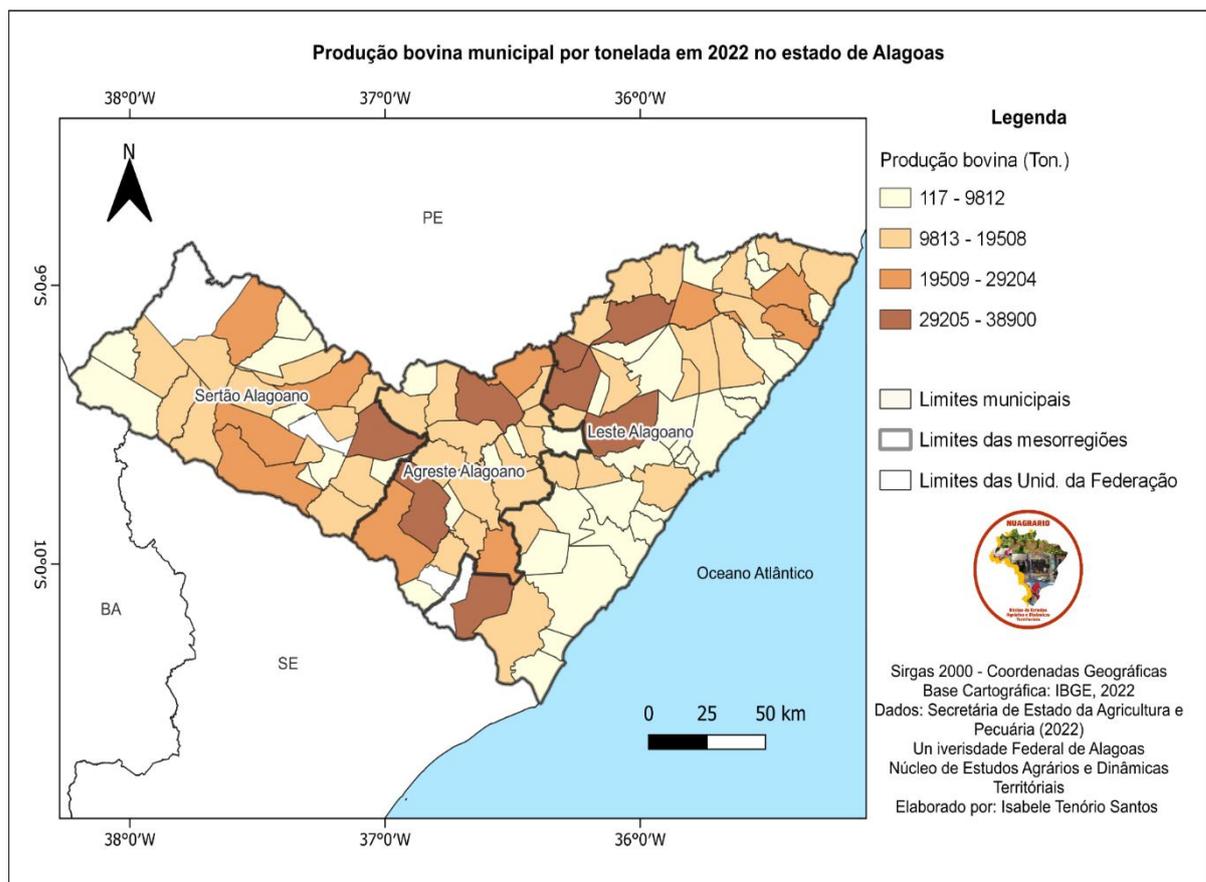
Esse cenário demonstra a forte presença do cultivo no estado de Alagoas, que age não apenas dando base à econômica do estado, mas também moldando as relações políticas e sociais que tal produção proporciona, remontando até certo ponto aos tempos coloniais, principalmente quando falamos em conflitos agrário.

### 3.1.2 Território da Pecuária e Agricultura familiar

A pecuária e agricultura familiares estão fortemente presentes nas regiões do Sertão e Agreste. Os cursos d'água, apesar de intermitente, foram responsáveis por possibilitar a expansão da pecuária nessas mesorregiões, havendo no Agreste a bacia leiteira do estado. Essa configuração difere da região de cana-de-açúcar, configurando outras dinâmicas socioterritoriais.

Na figura 6 é possível observar a distribuição da produção bovina nos municípios de Alagoas, sua espacialização é presente em grande parte no território alagoano, no entanto sua maior concentração se dá na região do Agreste e Sertão, ocasionado pela dominância da monocultura canieira no Leste.

**Figura 6: Produção Bovina no estado de Alagoas em 2022**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Secretária do Estado da Agricultura e Pecuária (2022).

A tabela 2 apresenta a produção bovina em 2022 nas mesorregiões, observa-se que a mesorregião do leste exibe uma quantidade em tonelada significativa da produção bovina, esse fato está atrelado a quantidade de municípios que compõe a região, mas a produção média é de

apenas 11.792,49 toneladas. Em contraposição, as mesorregiões do Sertão e Agreste produzem respectivamente 13.423,20 toneladas e 16.706,04. Entre as três nota-se que o Agreste possui uma maior produção bovina, estimulada pela presença da bacia leiteira.

**Tabela 2: Produção bovina em toneladas nas mesorregiões de Alagoas no ano de 2022**

<b>Produção bovina (ton) em 2022</b>	
<b>LESTE</b>	601.417
<b>AGRESTE</b>	384.239
<b>SERTÃO</b>	335.580

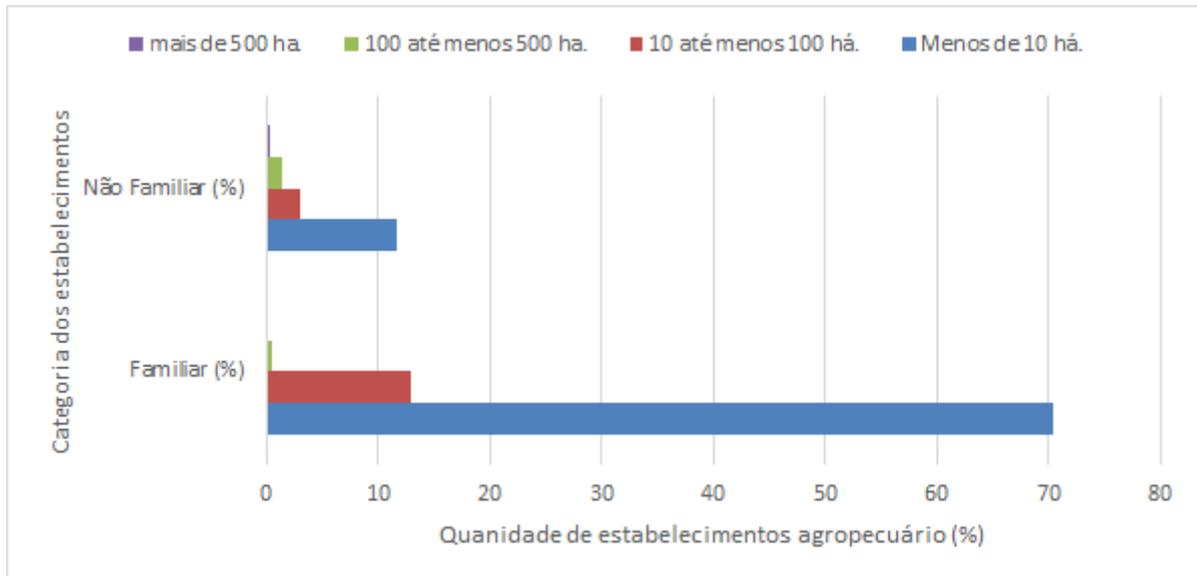
Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Secretária do Estado da Agricultura e Pecuária (2022).

Fazendo uma ponte entre o tópico anterior com o presente, ver-se que as mesorregiões do Leste e do Sertão comportam “dois sistemas de produção agrária distintos social e geograficamente: o da área canavieira e o da área da pecuária, complementares no processo econômico” (Carvalho, 2021, p. 27), impulsionado pelo processo de ocupação dos territórios e também pelas configurações naturais que ambas regiões possuem, enquanto uma é marcada pela presença da mata atlântica e do litoral, a outra dispõe do bioma caatinga.

### **3.2 Estrutura fundiária e a política no estado de Alagoas**

A estrutura fundiária de Alagoas é fortemente concentrada havendo grandes extensões de terras nas mãos de poucos produtores. “O mundo rural de Alagoas é marcado pela estrutura fundiária problemática, refletindo a concentração das melhores terras em poucos e grandes estabelecimentos, e por um modelo agrícola que revela a centralização da produção em poucas atividades, como a pecuária e a cana-de-açúcar” (Carvalho, 2008, p.20).

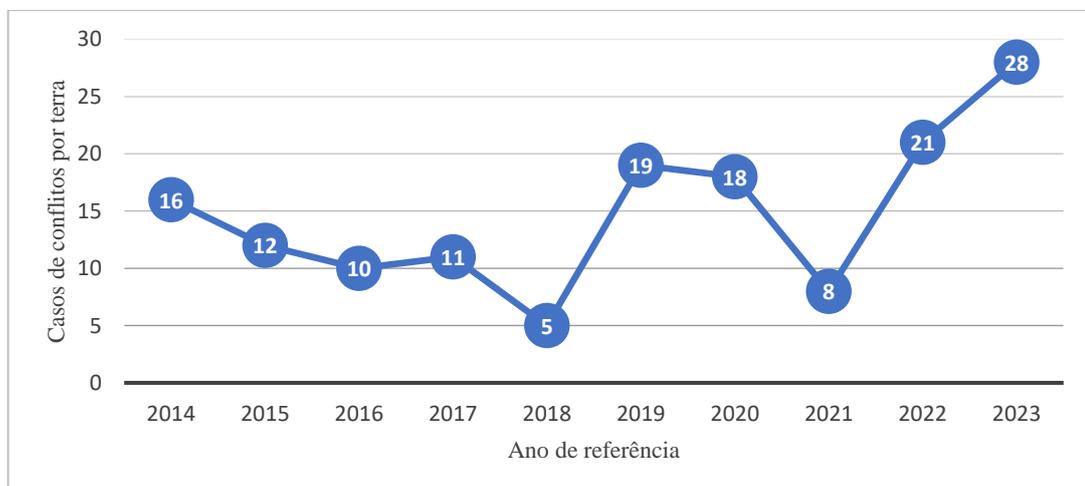
Segundo o censo agrícola de 2017 existe uma quantidade considerável de pequenas propriedades rurais em Alagoas, principalmente da agricultura familiar, no entanto elas não ultrapassam os 10 ha. Já na agricultura não familiar, a quantidade de estabelecimentos é menor, mas ocupam áreas extensas, no qual cerca de 2% ocupam áreas superiores a 100 ha. Como pode ser visto no gráfico 3.

**Gráfico 3: Quantidade de estabelecimento agropecuários do estado de Alagoas em porcentagem**

Fonte: Elaborado pela autora, com base no Censo Agropecuário (2017).

A forte concentração de terras no estado contribui para a presença de disputas por terras entre os grandes fazendeiros e os produtores sem-terra e indígenas, sendo refletida em um cenário de disputa pelas terras que não fazem seu papel social. Ainda que Alagoas não faça parte dos estados com maior índice de violência no campo, apresenta casos de disputas que vem crescendo nos últimos anos.

O gráfico 4 apresenta a quantidade de casos de conflitos por terra em Alagoas nos últimos nove anos registrados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), podemos observar que houve um crescimento desses casos desde 2019, exceto 2021. O que reflete a estrutura de poder que se perpetua ao longo dos anos no estado.

**Gráfico 4: Conflitos por terra em Alagoas entre os anos de 2014 a 2023**

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em CPT (2024).

Essa estrutura fundiária permanece desde o período colonial, passando de pai para filho, formando uma oligarquia forte e influente na política, estando presente desde o início da emancipação de Alagoas até a contemporaneidade, exercendo influência direta e indireta sobre as decisões políticas acerca do destino do estado.

“Regiões açucareiras tornam-se um enovelado de grupos com forte poder de decisão na partilha governamental” (Tenório, 2011, p.11), estando no cerne da política alagoana, ainda segundo Tenório (2011), no período republicano quase todos os governadores do estado tinham algum tipo de ligação do a produção canavieira, e isso permanece até hoje, o ex-deputado federal e atual presidente da câmara Arthur Lira tem ligação com a cana-de-açúcar.

A relação direta entre cargos eletivos do poder executivo com a cadeia produtiva da cana-de-açúcar era mais marcante nos governos anteriores à redemocratização, no entanto no período recente ainda existem, por exemplo, governadores e deputados estaduais, federais que possuem algum tipo de relação com o agronegócio alagoano.

No quadro 1, estão listados os governadores de Alagoas que têm ou tinham certa ligação com a produção de cana. A tabela está dividida em dois momentos, antes e depois da redemocratização do Brasil.

**Quadro 1: Governadores do estado de Alagoas antes e depois da redemocratização**

GOVERNADOR	LEGENDA	PERÍODO	LIGAÇÃO	TIPO
Paulo Dantas	MDB	2023 - 2026	sim	Imóvel rural
Klever Loureiro	-	2022 - 2022	não	-
Renan Filho	PMDB	2016 - 2022	sim	Quotas de capital da sociedade agropecuária
Teotônio Vilela Filho	PSDB	2007 - 2015	sim	Imóvel rural
Luís Abílio	PTB	2006 - 2007	sim	Imóvel rural
Ronaldo Lessa	PSB	1999 - 2006	sim	Imóvel rural
Manoel Gomes de Barros	PTB	1997 - 1999	sim	Imóvel rural

Divaldo Suruagy	PMDB	1995 - 1997	sim	Relações política com usineiros
Geraldo Bulhões	PSC	1991 - 1995	não	-
Moacir Andrade	PRN	1989 - 1991	Sem Informação	Informação não encontrada
Fernando Collor	PMDB	1987 - 1989	sim	Imóvel rural
José de Medeiros Tavares	PDS	1986 - 1987		Informação não encontrada
<b>GOVERNADORES ANTERIORES A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL - 1985</b>				
Fernandes Lima	sem dados	sem dados	sim	Proprietários de terra e Dono de Engenho
Batista Acioly	sem dados	sem dados	sim	Proprietários de terra e Dono de Engenho
Ismar Góis Monteiro	sem dados	sem dados	sim	Dono de Engenho
Edgar Góis Monteiro	sem dados	sem dados	sim	Dono de Engenho
Silveste Pérciles Góis Monteiro	sem dados	sem dados	sim	Dono de Engenho
Arnon de Melo	sem dados	sem dados	sim	Relações políticas com usineiros
Afrânio Lages	sem dados	sem dados	sim	Relações políticas com usineiros
Lamenha Filho	sem dados	sem dados	sim	Relações políticas com usineiros
Divaldo Suruagy	sem dados	sem dados	sim	Relações políticas com usineiros
Guilherme Palmeira	sem dados	sem dados	sim	Relações políticas com usineiros
José Tavares	sem dados	sem dados	sim	Relações políticas com usineiros
Manoel Gomes de Barros	sem dados	sem dados	sim	Relações políticas com usineiros

Euclides Malta	sem dados	1900	sim	Vice-Governador era usineiro
----------------	-----------	------	-----	------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Tenório (2011), e poder360.

O cenário histórico agrário e político de Alagoas moldou os padrões eleitorais do estado nas três escalas: municipal, estadual e federal. Observa-se a constante eleição e reeleição de políticos locais oriundos de famílias tradicionais na política, como os Beltrões, Fernandes, Vilelas, entre outras.

Da mesma forma, essa dinâmica também é vista nas eleições federais para presidente, onde a estrutura social na qual o eleitor está inserido poderá induzir seu voto de forma conservadora ou não. Essas relações serão observadas mais detalhadamente no próximo capítulo, onde a formação socioespacial de Alagoas se tornará uma variável de análise.

## 4. INTERPRETAÇÃO ESTATÍSTICA E ESPACIAL DOS VOTOS

### 4.1 Metodologia

A metodologia abordada no presente trabalho será quantitativa, tendo como objetivo principal analisar a relação das atividades canavieiras com a predominância de votos dos candidatos que foram ao segundo turno nos quatro pleitos eleitorais em análise. O método quantitativo segundo Creswell (2010), envolve técnicas de levantamento, coleta, análise e interpretação dos resultados do estudo. Esse método envolve a identificação de uma amostra e de uma população, dos quais os dados serão interpretados.

Para o cumprimento dos objetivos definidos no presente trabalho serão utilizados dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Alagoas em Dados. Além das bases cartográficas dos limites municipais e estadual de Alagoas, disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os dados coletados do TSE foram os votos válidos dos candidatos nas eleições presidenciais de 2010, 2014, 2018 e 2022 na escala municipal em ambos os turnos. Os votos válidos foram considerados apenas dos candidatos que tiveram maior percentual de votos em cada pleito no primeiro turno das eleições, e consecutivamente foram ao segundo turno.

Os votos foram espacializados na escala municipal, para executar o procedimento foram utilizadas as bases cartográficas do IBGE (2022) dos municípios do estado de Alagoas e o *software* de mapeamento Qgis 3.22.

Utilizou-se o método cloropléticos do mapeamento temático, baseado em Martinelli (2019). Esse método consiste na representação quantitativa dos dados em ordem crescentes e sua representação visual pode ser “construída ou com as cores, desde matrizes claras até escuras de uma das duas metades do espectro visível, ou com texturas, que vão também das mais claras até as mais escuras” (Martinelli, 2019, p. 77).

Para a análise estatística, foram efetuados cálculos de diferenciação para analisar os votos válidos dos candidatos que foram para o segundo turno de cada eleição, observando se houve uma migração de votos considerável, e a existência de um padrão eleitoral, onde os votos permanecem no mesmo território. Para fazer o cálculo foi utilizado o *software* de planilha Excel, e a seguinte expressão:

$$= ((\text{Votos do segundo turno}/\text{votos do primeiro turno}) - 1) * 100$$

Os parâmetros consideráveis serão a ultrapassagem dos 100%. Assim, os candidatos que

ultrapassarem 100% dos votos positivamente de um pleito ao outro será considerado uma baixa ou nenhuma migração, e para aqueles que não ultrapassarem os votos de uma eleição a outra e ficarem com saldo negativo, será considerada alta migração.

Por seguinte, será feita uma regressão linear simples para observar a relação entre a permanência dos votos entre os candidatos e a plantação de cana-de-açúcar (ha) presente no estado de Alagoas. Como metodologia será utilizado como base o trabalho de Texeira e Geralde (1986).

A regressão linear simples é um método de estimativa do relacionamento entre duas variáveis, que expressa uma delas em termos de uma função linear da outra (Texeira e Geralde, 1986, p. 121). Ou seja, essa análise nos permite compreender a existência de uma relação entre as duas variáveis estudadas, o que poderá reforçar as impressões vistas no mapeamento temático.

X = hectares de plantação de cana-de-açúcar no ano de referência

Y = média dos votos do primeiro e segundo turno da eleição no ano de referência

O presente trabalho terá como variável independente (X) a quantidade de hectares de cana-de-açúcar plantado no ano de referência do pleito eleitoral, e como variável de dependência (Y) a média de votos do primeiro e segundo turno da eleição de referência. Tendo uma amostra de 102, referente aos municípios do estado de Alagoas.

#### **4.2 Distribuição espacial dos votos**

Na presente seção será discutido a distribuição espacial dos votos dos candidatos que foram ao segundo tudo nas eleições de 2010, 2014, 2018 e 2022. Os partidos desses candidatos são, Partido dos Trabalhadores (PT), partido brasileiro alinhado a pautas de centro-esquerda, fundado em 1980, e teve como candidatos à presidência nos pleitos analisados Dilma Rousseff, Luiz Inácio (Lula), e Fernando Haddad.

Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que está alinhado a políticas de centro, foi fundado em 1988, e como candidatos à presidência do Brasil nas eleições estudadas teve José Serra e Aécio Neves. Os candidatos do PSDB foram fortes oponente aos candidatos do PT nas eleições que participou.

E o Partido Liberal (PL), anteriormente conhecido como Partido da República, é um partido brasileiro liberal conservador, alinhado a pautas de direita, foi fundado em 1985. Jair Bolsonaro foi o seu candidato na eleição de 2022. Na eleição de 2018, Jair foi candidato pelo Partido Social Liberal (PSL), também de direita.

A representação política do Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais é intensa e constante, desde 1989 vinha tentando vencer as eleições presidenciais com o candidato

Lula, mas só em 2002 conseguiu vencer a primeira eleição, ficando no poder até 2016. Foi o partido que mais teve candidatos eleitos como presidente, tendo início com Lula, eleito em 2002 pela primeira vez, e reeleito em 2006.

Luiz Inácio tinha um discurso fortemente voltado para a classe trabalhadora, mas nas eleições de 2002 optou por muda-lo para abranger eleitores de outros grupos sociais e venceu a mesma. As políticas adotadas em seus mandatos foram fundamentais para a construção de uma memória afetiva por parte dos eleitores brasileiros, e principalmente dos nordestinos, por conta dos programas de amparo social.

No primeiro governo, Lula seguiu uma linha política voltada para o atendimento aos mais necessitados, utilizando políticas de distribuição de renda para famílias, centros e organizações mais carentes. Dentre os programas apresentados pelo governo, destacam-se o 'Bolsa Família', 'Fome Zero', 'Luz para Todos', além de facilitar o acesso às universidades e créditos para micro e pequenas empresas (Carneiro, 2017, p. 21). Tais ações fizeram com que Lula obtivesse a reeleição em 2006.

No entanto, seu governo não foi direcionado apenas para a classe trabalhadora mais também para a elite burguesa, “ao efetuar uma agressiva política de exportação, beneficiou, de um lado, uma parte da burguesia interna, cuja base principal estava alocada na FIESP<sup>3</sup>, e, de outro, a fração ligada ao agronegócio” (Machado, 2009, p. 29), o que colaborou para a sua aceitação nesses grupos.

Seu legado foi herdado por Dilma Rousseff, candidata à presidência nas eleições de 2010 e tornou-se a primeira mulher presidente do Brasil. Sua campanha foi amplamente apoiada pelo ex-presidente Lula, lhe garantindo os votos que antes era de seu companheiro de partido.

Em seu mandato, deu continuidade aos projetos iniciados no governo anterior, além de colocar em “prática uma política econômica que visava retomar a industrialização, com crescimento econômico, emprego e renda, a partir de estímulos ao investimento produtivo” (Oliveira e Herscovici, 2022, p. 02). O que ocasionou segundo Oliveira e Herscovici (2022) atritos com a classe financeira, principalmente por conta da redução da taxa básica de juros, que atingiam os lucros desses grupos.

Em 2014, Dilma conseguiu se reeleger como presidente, mas comparado com a eleição anterior houve um menor favoritismo, ocasionado pela ambientação política conflituosa no país

---

<sup>3</sup> Federação das Indústrias do Estado de São Paulo é a maior entidade de classe da indústria brasileira. Representa cerca de 130 mil indústrias de diversos setores, de todos os portes e das mais diferentes cadeias produtivas, distribuídas em 131 sindicatos patronais. Disponível em: <https://www.fiesp.com.br/sobre-a-fiesp/>. Acesso em 20 de julho de 2024.

iniciada em 2013, com o protesto ocorrido majoritariamente em São Paulo contra o aumento dos R\$ 0,20 centavos na passagem de ônibus. Tais protestos tinham como principal objetivo demonstrar a insatisfação com o cenário econômico que se apresentava o Brasil, esse momento ficou marcado em grandes proporções especialmente por conta da ininterrupta cobertura da mídia brasileira.

O governo Dilma teve impacto da crise financeira de 2008, “apesar de a economia brasileira não ter sentidos os efeitos da crise como a economia americana e algumas europeias, a crise se caracterizou como uma crise real, na qual se pôde perceber no país um crescimento econômico extremamente baixos quando comparado ao crescimento esperado” (Lima e Deus, 2013, p. 63), gerando desemprego e baixo poder aquisitivo da população, o que colaborou para a desaprovação dos brasileiros.

Alinhado aos conflitos econômicos que o país estava enfrentando, Dilma ainda colocou em execução programa contra a corrupção, denominado como pacote anticorrupção, o objetivo principal era evitar e punir irregularidades na administração pública, no qual houve a operação mais famosa desse projeto, chamada de “Lava Jato”<sup>4</sup>. Essa operação teve o papel de investigar diversos indivíduos políticos que estavam envoltos de um esquema de corrupção.

Mediante essa série de fatores a popularidade de Dilma entre o corpo político e os grandes empresários ficaram cada vez mais enfraquecida, o que levou a interrupção do seu governo em 2016, com o processo de *impeachment*. Uma das alegações para o desencadeamento de sua destituição foi a assinatura da “edição de decretos, abrindo crédito suplementar, sem a devida autorização do Congresso Nacional, em afronta à constitucional separação dos poderes” (Moreira e Veronez, 2021, p. 111, apud Bicudo et al., 2016).

Com a exoneração de Dilma, seu vice Michel Temer (MDB) assume o poder governando de 2016 até 2018, seu governo foi marcado por insatisfação popular, além de uma forte onda antipetista, e a ascensão dos partidos da extrema direita.

Nas eleições de 2018, Fernando Haddad (PT) opositor a Jair Bolsonaro (PL) no pleito, foi responsável por dar continuidade aos governos petistas tentando se eleger com o apoio de Lula, que inicialmente foi seu vice, mas o ex-presidente estava sendo investigado por corrupção pela operação Lava Jato e foi preso em abril de 2018 antes das eleições, sem provas concretas.

A deposição de Dilma, a prisão do Lula, e os discursos de corrupção trazidos pela

---

<sup>4</sup> A operação Lava Jato foi a maior investigação de corrupção do Brasil, teve início em 2014 e descobriu super esquema de corrupção na Petrobras abrangendo políticos de diferentes partidos e algumas empresas privadas e públicas. O nome foi dado em vista do principal local de movimentação de dinheiro ilegal ser em um posto de combustível e lava jato no município de Brasília.

grande mídia e pelos partidos de direita acarretaram em uma imagem negativa do Partido dos Trabalhadores nessa eleição, o que levou a vitória do candidato Bolsonaro. É relevante destacar que Fernando Haddad apesar de ter um desempenho ruim em grande parte das macrorregiões brasileiras, teve a melhor performance na região Nordeste do país.

Em relação ao governo Bolsonaro (2019-2022), não houve avanços significativos, mas ficou marcado por falas polêmicas e descaso por parte do mesmo com a pandemia da covid-19, iniciada em 2020. Em relação à economia, não houve um crescimento considerável, e os programas sociais relevantes criados em sua gestão foram o auxílio emergência, que consistia em uma ajuda de custo para as famílias de baixa renda durante o período de pandemia; e Casa Verde e amarela, adaptação da antiga Minha Casa, Minha Vida. Por conta de suas falas polêmicas, Jair perdeu considerável apoio no congresso ao longo do seu governo.

O ex-presidente Jair tentou se reeleger em 2022, mas com falta de apoio e a volta de Lula a política, solto no final de 2019 e inocentado, concorreu a presidente na então eleição e venceu Jair Bolsonaro nas urnas no segundo turno.

Diante da breve discussão sobre o cenário político brasileiro entre as eleições estudadas, será analisado adiante a distribuição dos votos dessas eleições nos municípios alagoanos.

#### 4.2.1 Perfil e Votos das mesorregiões de Alagoas

O perfil eleitoral dos municípios do estado de Alagoas foi composto, segundo o Tribunal Superior Eleitoral por 2.325.656 de eleitores em 2022, no qual 47% são mulheres, e 53% homens. Havendo 25,89% dos eleitores com ensino fundamental incompleto; 19,26% ensino médio completo; 17,49% ensino médio incompleto; 5,9% com ensino superior completo; 4,55% ensino fundamental completo.

O perfil eleitoral da mesorregião Leste em 2022 é composto por 1.507.662 eleitores, tendo 383.163 eleitores ensino fundamental incompleto, e 108.859 com ensino superior completo. Em relação ao gênero, 699.002 são homens, e 808.660 são mulheres. Na mesorregião do Agreste é composta por 476.152 eleitores, a qual 127.000 tem ensino fundamental incompleto, e 18.637 tem ensino superior completo. Sendo 254.427 mulheres e 221.725 homens.

Já na mesorregião do Sertão é formado por 341.842 eleitores, sendo 92.064 com ensino fundamental incompleto, e 9.744 com ensino superior completo. E 163.704 homens e 178.138 mulheres.

Na tabela 3, é possível observar como esses perfis eleitorais se desenrolaram nas eleições presidenciais nos anos de 2010, 2014, 2018 e 2022, o que nos ajuda a refletir sobre a

compreensão da distribuição dos votos dos candidatos que serão analisados no presente capítulo.

**Tabela 3: Participação nas eleições de 2010, 2014, 2018, 2022 dos eleitores das mesorregiões de Alagoas**

		<i>1º turno</i>			<i>Total de votos</i>	<i>2º turno</i>			<i>Total de votos</i>
		<b>Leste</b>	<b>Agreste</b>	<b>Sertão</b>		<b>Leste</b>	<b>Agreste</b>	<b>Sertão</b>	
2010	Válidos	55,82%	17,27%	12,09%	9.239.424	59,45%	18,57%	13,06%	2.993.292
	Nulos	5,35%	1,73%	1,37%		4,14%	1,4%	1,02%	
	Branco	4,57%	1,16%	0,63%		1,72%	0,44%	0,20%	
2014	Válidos	53,59%	17,45%	12,17%	7.847.125	61,55%	17,45%	13,33%	1.604.072
	Nulos	6,21%	1,61%	1,14%		2,78%	1,61%	0,46%	
	Branco	5,78%	1,34%	0,69%		1,19%	1,34%	0,12%	
2018	Válidos	53,05%	17,18%	11,96%	9.919.338	59,79%	19,34%	13,43%	1.644.459
	Nulos	8,31%	2,22%	1,61%		4,24%	1,04%	0,59%	
	Branco	4,08%	1,08%	0,52%		1,18%	0,28%	0,11%	
2022	Válidos	58,03%	18,53%	12,83%	8.805.209	59,39%	19,03%	12,93%	3.567.395
	Nulos	4,28%	1,18%	0,79%		4,48%	1,3%	0,88%	
	Branco	3,16%	0,81%	0,38%		1,43%	0,35%	0,21%	

Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

Nota-se que a mesorregião Leste se concentra a maior parte da porcentagem dos votos nominais, por possuir 52 municípios, seguida pela região Agreste, que possui uma quantidade considerável de votos, apesar de ter a menor quantidade de municípios. As três mesorregiões tiveram uma participação ativa nas eleições, havendo uma média de menos de 10% de votos nulos e brancos nas eleições estudadas.

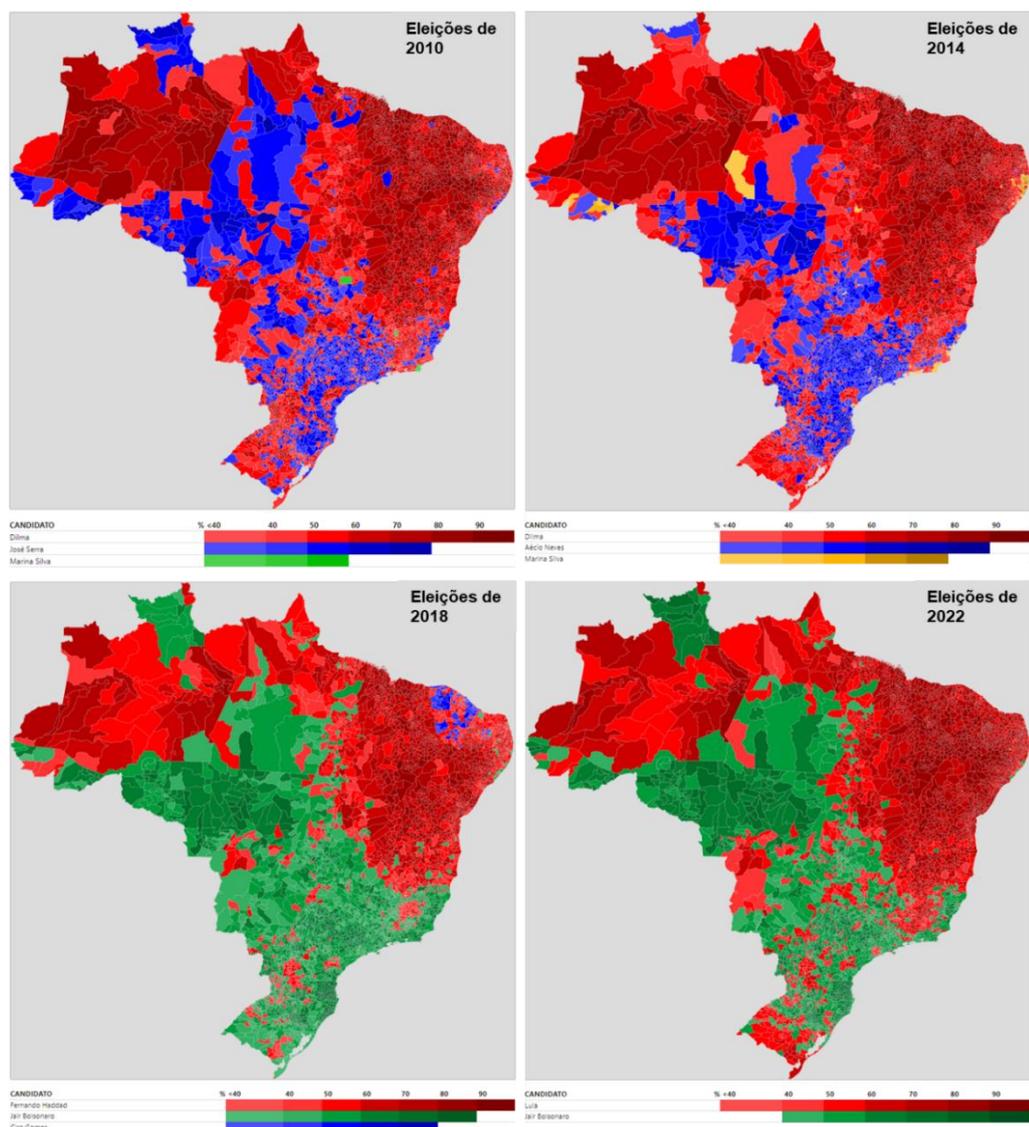
Em relação aos dados de participação destaca-se o primeiro turno da eleição de 2018, ao qual entre todos os pleitos tem o maior percentual de anulação de votos, isto dá-se pela disputa acirrada entre Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, dois nomes com muito apoio político, mas com ideias opostas. Essa disputa entre extremos levou a uma indisposição eleitoral.

#### 4.2.2 Breves apresentação dos votos no Nordeste brasileiro

O Nordeste brasileiro é composto por nove estados, entre eles Alagoas, e vem demonstrando nas últimas eleições presidenciais um comportamento distinto dos demais estados brasileiros, tendendo a votar em candidatos do Partido dos Trabalhadores, no entanto há algumas localidades, como o Ceará, que em alguns momentos tentem a votar em candidatos de outros partidos.

Na figura 7 podemos observar essa dinâmica, nas ultimas 4 eleições os municípios dos estados nordestinos destinam mais de 50% dos votos aos candidatos do PT, e essa dinâmica se intensifica no segundo turno das eleições. Retirando esses candidatos, destaca-se a presença de votos relevantes para Marina Silva em 2014 com 22,76%, e Ciro em 2018 com 16,98%.

**Figura 7: Distribuição dos votos válidos no primeiro turno das eleições de 2010-2022 nos municípios brasileiros**



Fonte: Disponível em: <https://geografiadovoto.com/resultados/municipio/>, acesso em 21 de julho de 2024

Baseado nos votos válidos do primeiro turno de cada pleito disponíveis no site do TSE (2024), nas eleições de 2010, Dilma Rousseff recebeu no primeiro turno 61,63% dos votos, seu rival José Serra (PSDB) recebeu apenas 21,48% dos votos no Nordeste. Já nas eleições de 2014 é observado um comportamento semelhante, mesmo com os protestos ocorridos em 2013, o Nordeste novamente elegeu Dilma Rousseff como sua representante, contendo um percentual de votos de 59,68% no primeiro turno, e seu opositor Aécio Neves (PSDB) um percentual de apenas 15,39% dos votos.

Nas eleições presidenciais de 2018, o candidato Fernando Haddad (PT) recebeu o maior quantitativo de votos na região Nordeste, esse pleito se mostrou atípico dos demais, uma vez que foi marcado pelas acusações de corrupção do Partido dos Trabalhadores, e o *impeachment* da ex-presidente Dilma. O candidato Haddad recebeu cerca de 50,60% dos votos no primeiro turno na região, tendo seu opositor Jair Bolsonaro recebido cerca de 25,86% dos votos.

Já nas eleições de 2022, o candidato Lula (PT) recebeu 67% dos votos no primeiro turno na região, enquanto seu opositor que buscava a reeleição Jair Bolsonaro, recebeu apenas 27% dos votos válidos.

Ao compararmos os quatro pleitos verificamos uma queda nos votos da região para os candidatos petistas nas eleições de 2018, tendo em vista que as condições políticas influenciaram para que os percentuais caíssem, principalmente pela falta de participação eleitoral, uma vez que os índices de votos nulos e brancos no Brasil cresceu significativamente nesse pleito. Segundo o TSE (2024), 29,12% dos eleitores votaram em branco, nulo ou se abstiveram, nas eleições de 2022 observou-se um aumento dos votos válidos.

O favoritismo dos candidatos do Partido dos Trabalhadores na região Nordeste pode ser atrelado a memória afetiva criada desde o primeiro governo Lula e mantida durante o governo Dilma. Em virtude de ser uma região historicamente vinculada ao subdesenvolvimento comparada ao Sudeste, se beneficiou dos programas de assistência social e de desenvolvimento. Segundo Maciel e Ventura (2017) o programa de maior destaque foi o Bolsa Família, mas existiram outros como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) I e II, água e luz para todos, estabelecidos pelos governos de Lula e Dilma.

Essas iniciativas colaboraram para a melhoria de vida da população de baixa renda dessa macrorregião, deixando uma relação positiva entre os eleitores nordestinos e os candidatos do partido.

#### 4.2.3 Análise geoespacial dos votos em Alagoas

Na região nordestina do Brasil existe uma preferência e permanência territorial dos candidatos alinhados ao Partido do Trabalhadores, como exposto no tópico anterior, tornando-se ao longo dos anos um reduto do partido. Ao espacializar os votos observamos que em alguns estados e/ou partes deles há percentuais de votos mais acentuados que em outros.

As áreas com menores percentuais observadas nos quatro pleitos estão localizadas no litoral nordestino, principalmente no litoral de Alagoas e Pernambuco, locais historicamente dominados pelo agronegócio canavieiro. Diante disso, será discutido no presente tópico a distribuição desses votos no território alagoano, compreendendo as relações territoriais do estado.

Concernente ao cenário político e territorial nordestino, é relevante destacar a singularidade do território alagoano no contexto eleitoral. O estado apresenta características particulares em relação à preferência partidária do restante da macrorregião a qual pertence, havendo uma dualidade de apoio a candidatos opostos, o que revela uma iminente estabilidade territorial ao longo dos anos.

Na tabela 4, podemos observar os votos dos candidatos que foram ao segundo turno nos quatro pleitos analisados no estado de Alagoas. Ao analisarmos a tabela, nota-se que os candidatos Dilma em 2010 e 2014, Fernando em 2018, e Lula em 2022, receberam os maiores percentuais de votos no primeiro turno no estado, chegando a conseguir um percentual de mais de 56%.

Em quanto os candidatos José Serra e Jair, receberam um pouco mais de 35% dos votos, já Aécio recebeu apenas 22%. No segundo turno, houve um crescimento médio de 9,18% dos candidatos, porém nenhum conseguiu superar os votos de seus oponentes. Abaixo será discutido como se deu a distribuição desses votos dentro do território alagoano.

**Tabela 4: Percentual dos votos válidos do 1º e 2º turno das eleições de 2010-2022 no estado de Alagoas**

<b>ELEIÇÃO 2010</b>	<b>1º turno</b>	<b>2º turno</b>	<b>ELEIÇÃO 2014</b>	<b>1º turno</b>	<b>2º turno</b>
<b>Dilma R.</b>	50,92%	53,63%	<b>Dilma R.</b>	49,93%	62,11%
<b>José S.</b>	36,46%	46,37%	<b>Aécio N.</b>	22,12%	37,89%
<b>ELEIÇÃO 2018</b>	<b>1º turno</b>	<b>2º turno</b>	<b>ELEIÇÃO 2022</b>	<b>1º turno</b>	<b>2º turno</b>
<b>Fernando H.</b>	44,75%	59,92%	<b>Lula</b>	56,50%	58,68%
<b>Jair B.</b>	34,40%	40,08%	<b>Jair B.</b>	36,05%	41,32%

Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

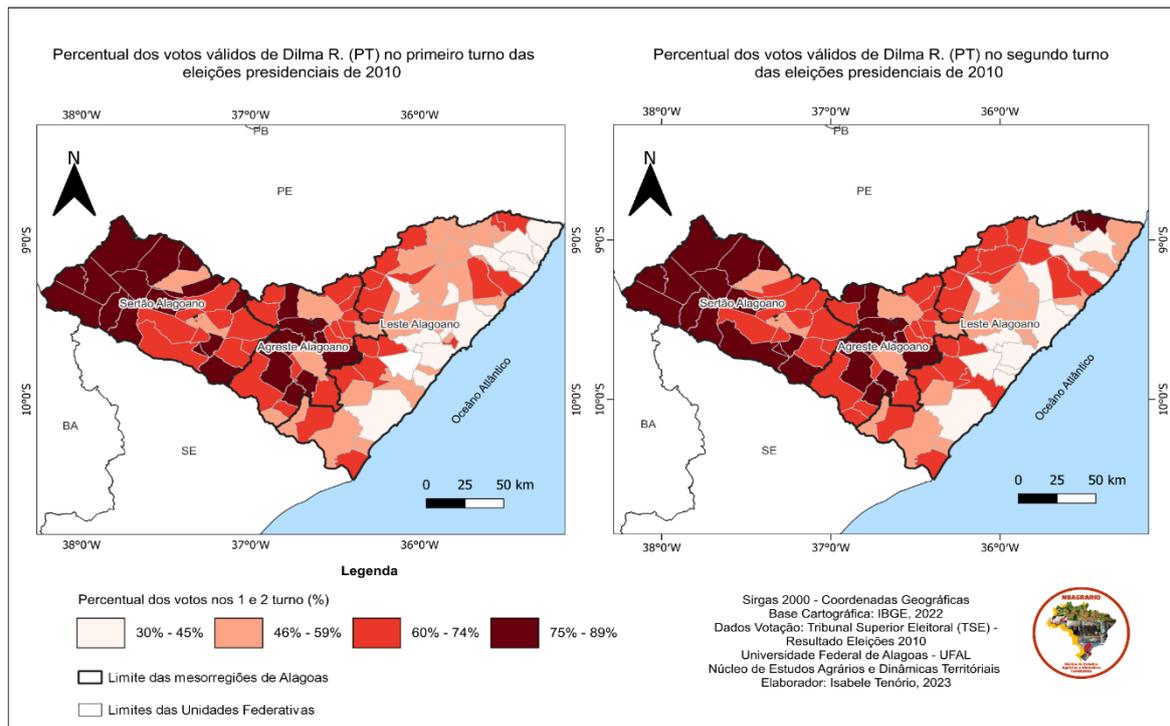
Na figura 8, está espacializado os votos da candidata Dilma no primeiro e segundo turno das eleições presidenciais de 2010. Observa-se que em ambos os turnos ela recebe mais de 60% dos votos em municípios que pertencem a mesorregião do Sertão e Agreste, seus percentuais superiores a 70% estão majoritariamente no sertão alagoano.

Já no Leste alagoano o percentual é menor que 59% e os municípios mais próximos do Sul, não ultrapassa os 45% em ambos os turnos, observa-se que os municípios que tiveram esse percentual no Leste permaneceram os mesmos, incluindo a capital alagoana Maceió.

José Serra no primeiro e segundo turno das eleições de 2010 em Alagoas, representados na figura 9, tem um percentual de 50% a 69% dos votos concentrados no Leste, nas demais mesorregiões seus votos não conseguem ultrapassar os 38%, exceto por 4 municípios, Arapiraca e Palmeiras dos Índios no Agreste, os mesmos em que Dilma não conseguiu um percentual considerável na região, e os municípios de Olho D'água das Flores Maravilha no Sertão, onde receberam uma porcentagem de até 51%.

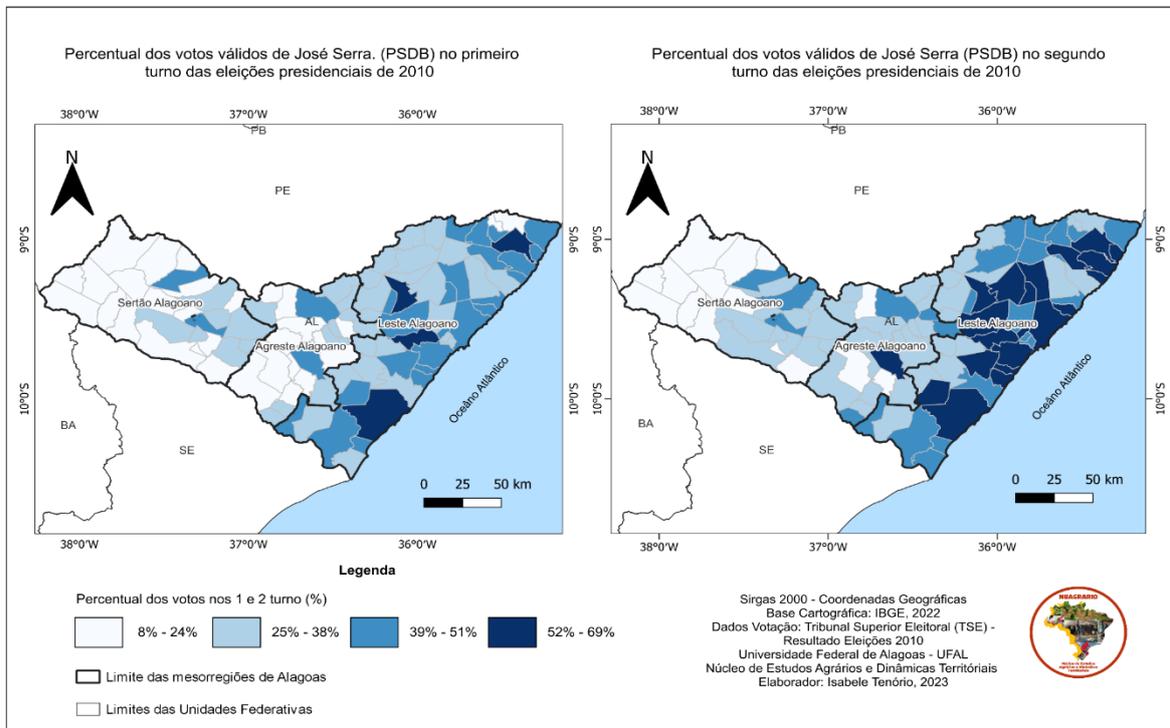
No segundo turno, ver-se que o candidato teve um melhor desempenho, nota-se que os municípios onde recebeu mais de 52% ultrapassaram a quantidade do primeiro, mas esse aumento foi concentrado na região Leste, incluindo a capital.

**Figura 8: Percentual de votos válidos da candidata Dilma R. no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2010 nos municípios de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

**Figura 9: Percentual de votos válidos do candidato José Serra, no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2010 nos municípios de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

Nas eleições de 2014, Dilma Rousseff consegue a reeleição e os percentuais de votos que recebeu no primeiro e segundo turno no estado de Alagoas estão representados na figura 10. Seguindo a mesma dinâmica da eleição passada, a candidata recebe mais de 75% dos votos nas mesorregiões do Agreste e Sertão Alagoano, e mais de 44% majoritariamente no Leste.

Entre o primeiro e segundo turno de 2014, observamos também um crescimento considerável de votos em alguns municípios do Agreste e Sertão, incluindo Maceió no Leste, na qual recebeu no 51% dos votos no município. Saldanha (2017), havia observado no trabalho que até a eleição de 2010 a capital Alagoana não havia votado expressivamente em nenhum candidato do PT, mas notamos que nessa eleição isso foi quebrado.

Comparando o primeiro turno de 2010 e o primeiro turno de 2014 da candidata, nota-se que o percentual de votos na mesorregião do Leste aumenta em algumas cidades, assim como também ocorre nas outras regiões. Essa dinâmica também é observada entre o segundo turno dos pleitos, ou seja, entre as eleições Dilma conseguiu crescer dentro do território Alagoano, recebendo em algumas cidades cerca de 92% dos votos.

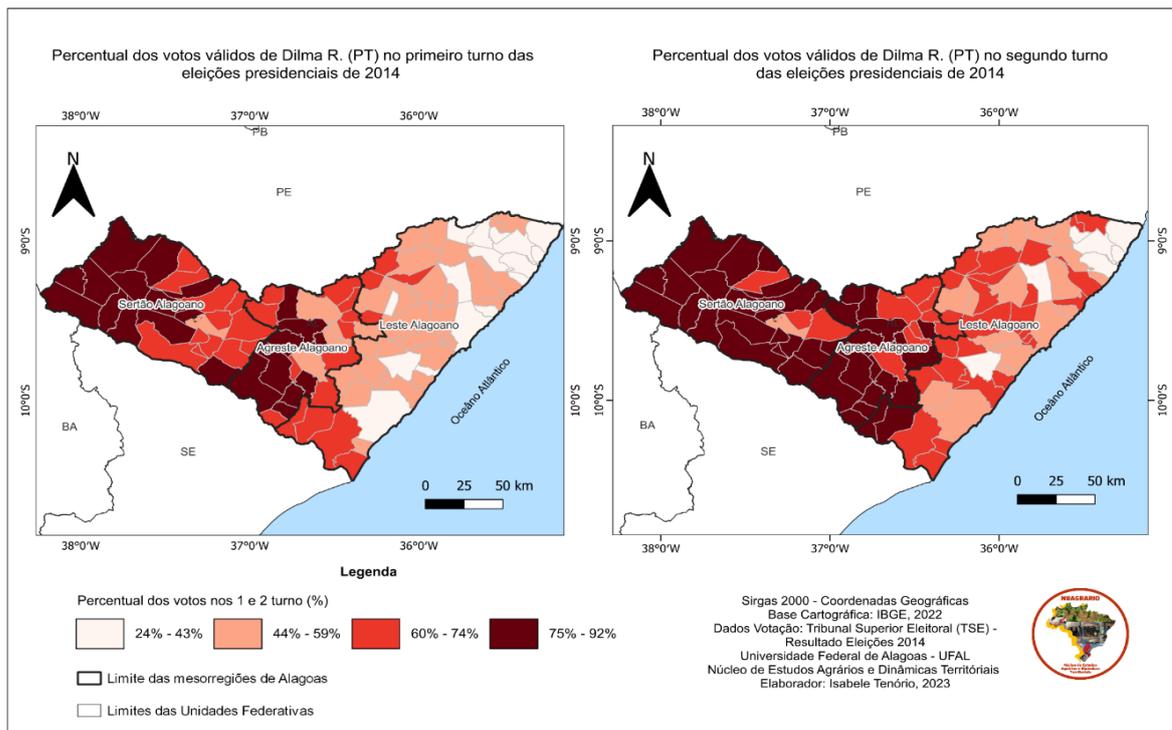
Aécio Neves foi opositor a Dilma no pleito de 2014, seu percentual de votos mais expressivo está presente na mesorregião do Leste, chegando a receber cerca de 71% no segundo turno. O desempenho do candidato no primeiro turno é consideravelmente baixo, não

ultrapassando 31% dos votos. Esse fato estar atrelado a candidata Marina Silva (PSB) que disputou o primeiro turno, a qual teve um bom desempenho no estado, recebendo 34,37% dos votos, superior ao 31,53% de Dilma.

Sem Marina Silva no segundo turno, Aécio conseguiu melhorar o seu desempenho e aumentou consideravelmente seus votos na região do Leste alagoano, e nas demais regiões também houve um crescimento, porém não ultrapassaram 30% dos votos, excerto em Arapiraca.

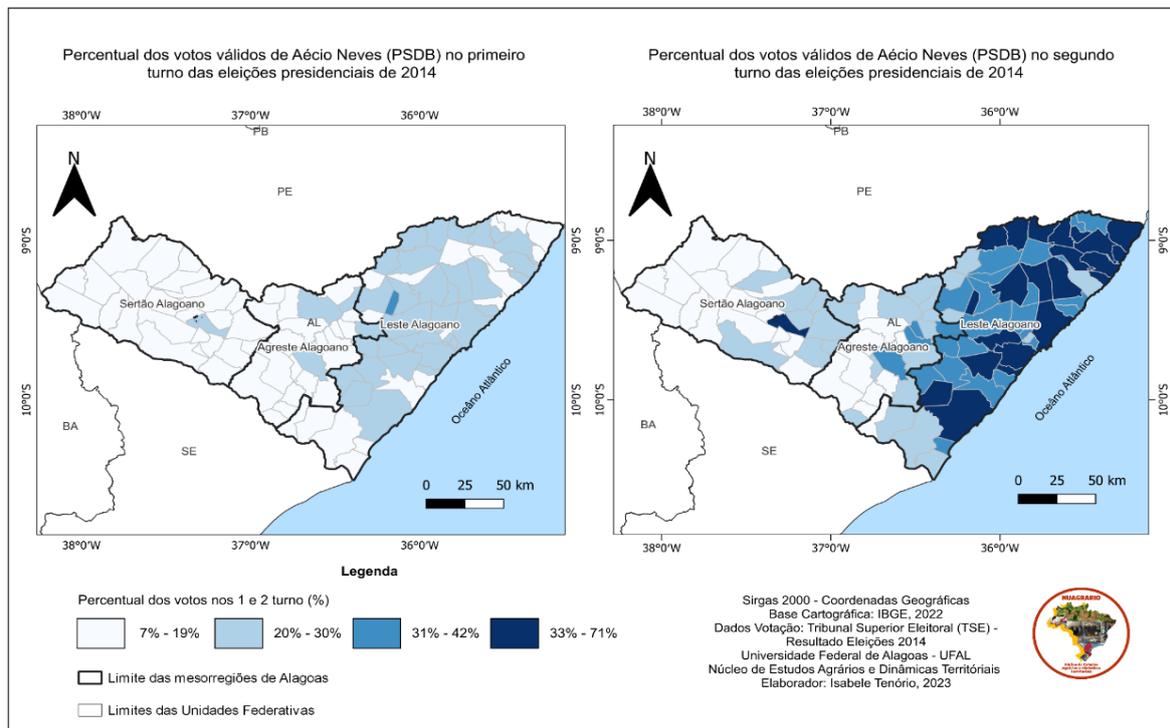
Se compararmos com a distribuição dos votos de José Serra no pleito anterior, podemos observar algumas semelhanças na concentração dos votos, ambos candidatos receberam um maior percentual no Leste Alagoano.

**Figura 10: Percentual de votos válidos da candidata Dilma R. (PT) no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2014 nos municípios de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

**Figura 11: Percentual de votos válidos do candidato Aécio Neves no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2014 nos municípios de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

As eleições de 2018 foram marcadas pelo cenário político conflituoso entre partidos de esquerda e direita, decorrentes do processo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, além de novos personagens ascenderem com discursos anticorrupção, como foi o caso de Jair Bolsonaro, que concorreu a presidente contra Fernando Haddad representante do Partido dos Trabalhadores nesse pleito.

Os votos recebidos de Haddad, representados na figura 12, foram essencialmente nas mesmas regiões que os de Dilma, no primeiro turno recebeu mais de 60% dos votos no Agreste e Sertão, nesse turno os votos não foram tão concentrados como os de Dilma nas eleições passadas, no entanto continua sendo significativo em comparação ao do seu opositor.

Já no segundo turno o candidato conseguiu aumentar significativamente seus votos, arrecadando votos superiores a 75% dos votos dos municípios das mesorregiões do Agreste e Sertão, os únicos municípios que não receberam esse percentual foram Olho D'água das Flores, Palmeira dos Índios, Paulo Jacinto, e Arapiraca, dentre esses o último obteve o menor percentual, menor que 50%.

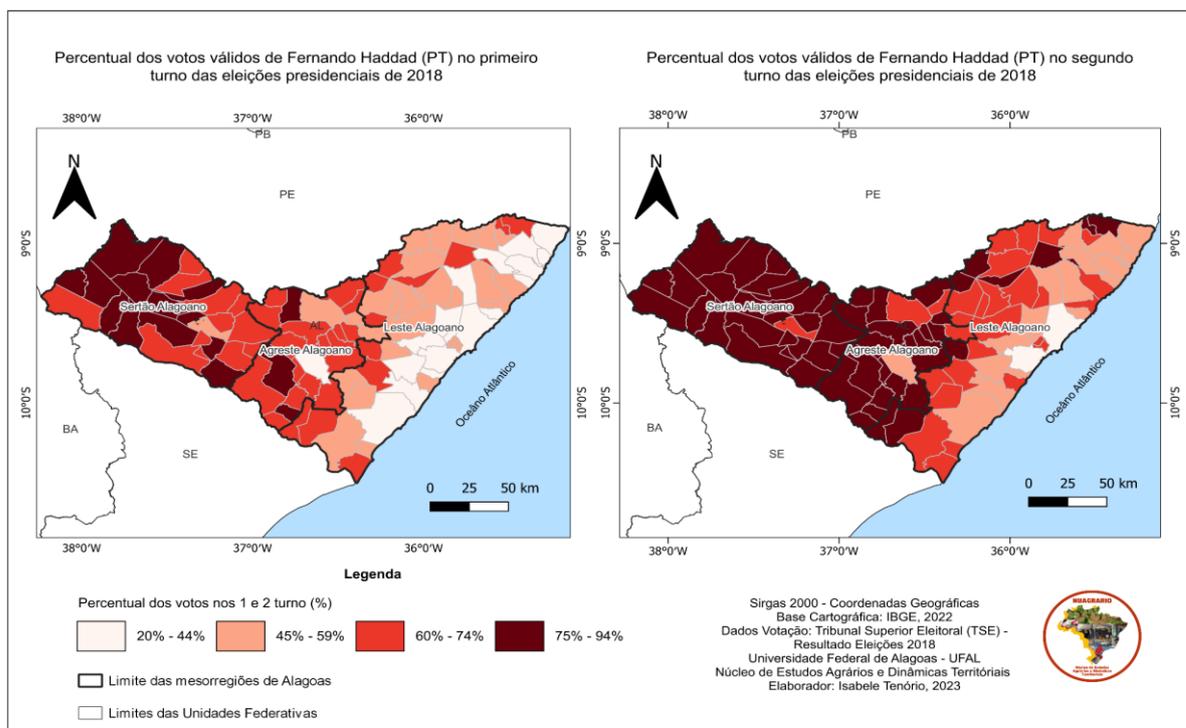
Diante da distribuição dos votos, observa-se que os territórios eleitorais de Dilma e Haddad se sobrepõe, ou seja, o apoio de Lula e da ex-presidente, e o fato dos três serem do

mesmo partido contribuiu para que Fernando conseguisse adquirir os votos nos mesmos territórios que seus companheiros de partido. No entanto, é importante destacar que o mesmo teve o pior desempenho na eleição entre os dois ex-presidentes no nordeste brasileiro, o que refletiu na distribuição dos votos em Alagoas, principalmente no primeiro turno.

No que se refere aos votos de Jair Bolsonaro, representados na figura 13, estão centralizados em ambos os turnos na mesorregião do Leste alagoano, chegando a receber mais de 60% nos municípios do litoral alagoano. Nas outras mesorregiões seus votos não são expressivos, não ultrapassam os 32%, excerto em algumas cidades como Arapiraca, que recebeu mais de 41% dos votos no primeiro turno e 52% no segundo turno.

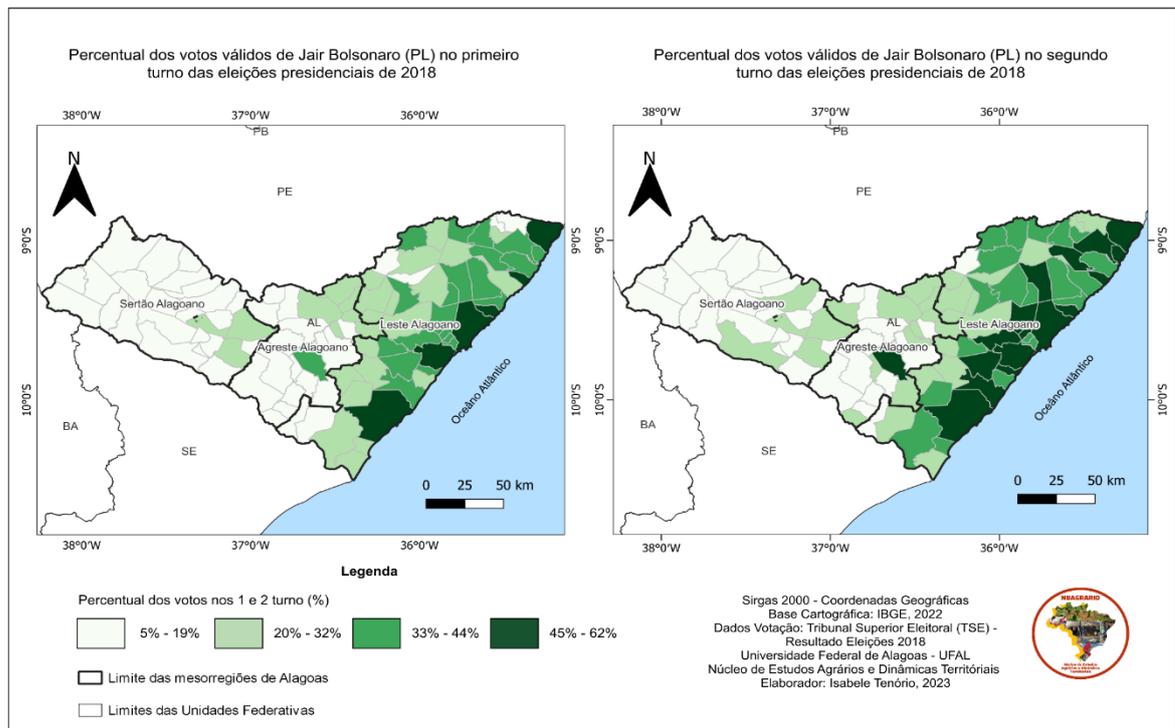
Se comparamos a distribuição dos votos entre as eleições anteriores, Jair tem um comportamento semelhante aos de Serra e Aécio, no primeiro turno a votação é mais tímida, porém no segundo se apresenta mais forte, além de receberem os votos em grande maioria nos mesmo municípios e mesorregião. Assim, compreendemos que os eleitores desses territórios têm mais afinidade com candidatos de ideias parecidos, como foi o caso desses três.

**Figura 12: Percentual de votos válidos do candidato Fernando Haddad no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2018 nos municípios de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

**Figura 13: Percentual de votos válidos do candidato Jair Bolsonaro no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2018 nos municípios de Alagoas**



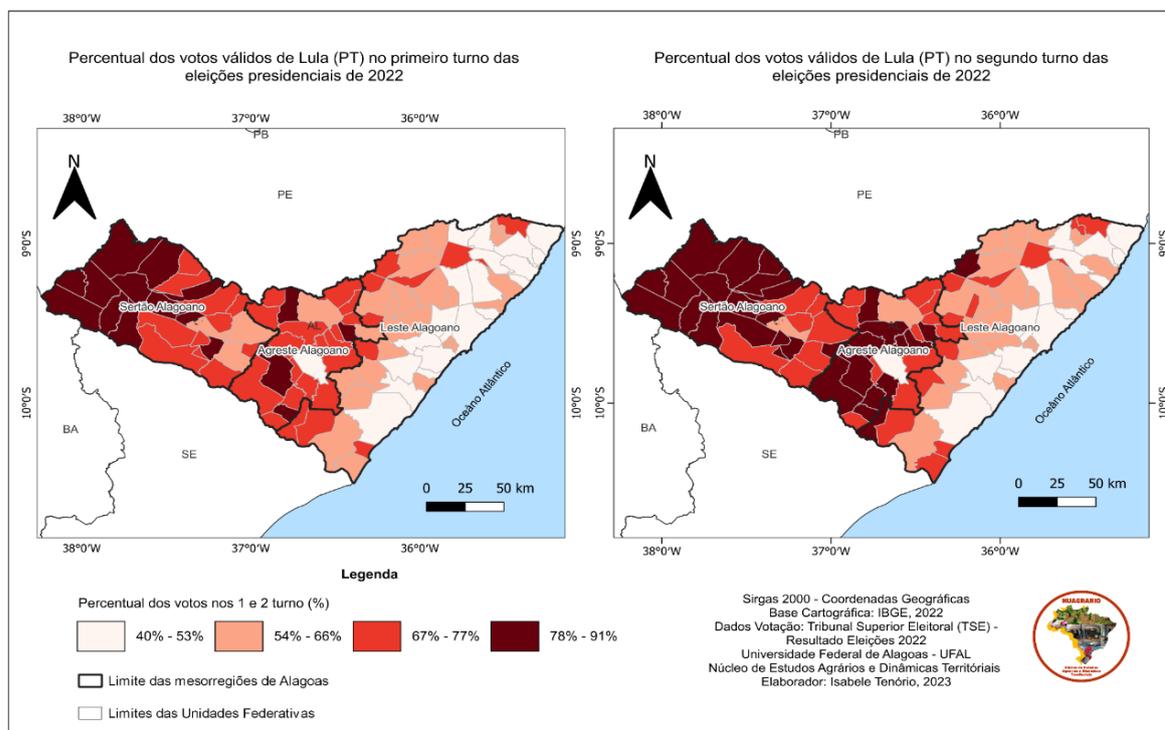
Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

As eleições de 2022 contou com a participação de dois ex-presidentes do Brasil, Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio (PT). Em relação aos votos válidos de Lula, representados na figura 14, teve uma distribuição semelhante à de seus companheiros de partido no estado, concentrando um percentual de votos superior a 67% nas mesorregiões do Agreste e Sertão, os votos superiores a 78% ficaram restritos basicamente ao oeste de Alagoas. O município a qual não conseguiu arrecadar tantos votos, foi Arapiraca.

Na mesorregião do Leste, não conseguiu romper com os padrões das eleições anteriores, recebeu um percentual superior a 54% em cidades mais interioranas, enquanto no litoral recebeu um pouco mais de 40% dos votos no primeiro turno. A mesma dinâmica foi vista no segundo turno, seu crescimento mais significativo foi no Agreste, recebendo um pouco mais de 78% em alguns municípios.

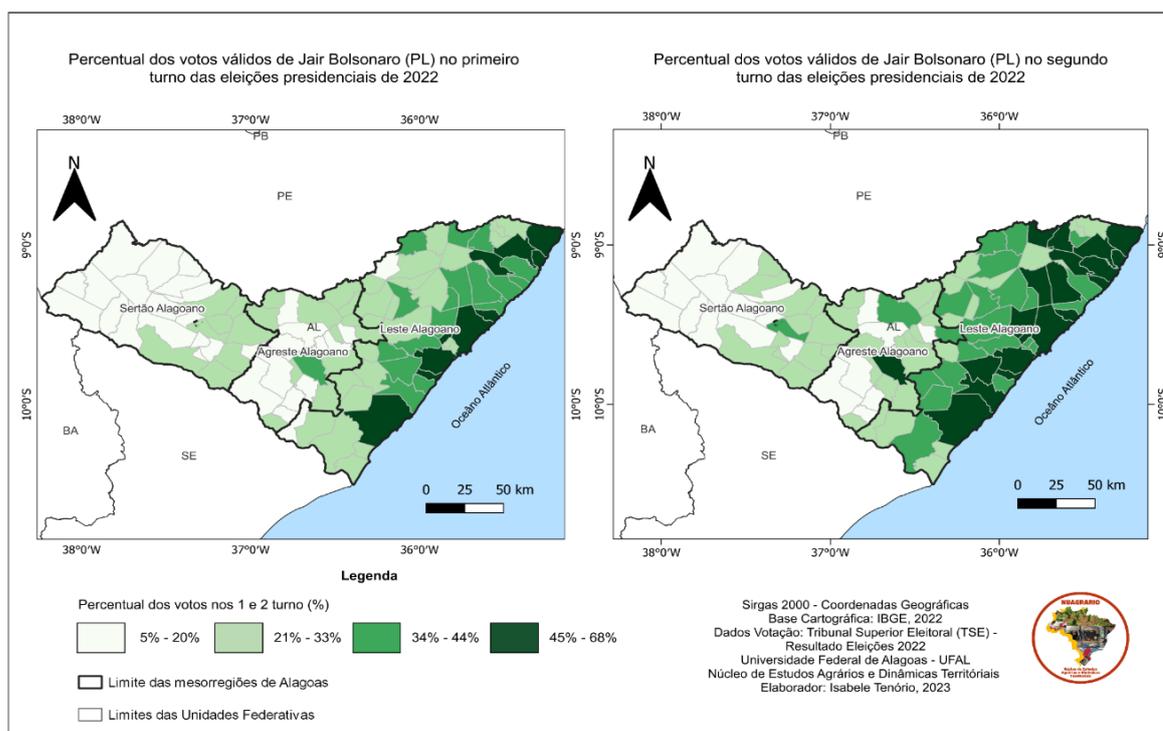
Ao que se trata dos votos do candidato Jair Bolsonaro, representado na figura 15, comparado com a eleição passada que participou, não houve mudanças significativas entre os pleitos. Na eleição de 2022 seus votos mais significativos estão presentes no litoral alagoano, com um percentual entre 34% e 66% no primeiro turno. Entre um turno e outro observa-se o crescimento do candidato nos municípios da mesorregião do Leste.

**Figura 15: Percentual de votos válidos do candidato Lula no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2022 nos municípios de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024)

**Figura 14: Percentual de votos válidos do candidato Jair Bolsonaro no 1º e 2º turno nas eleições presidenciais de 2022 nos municípios de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024)

Nas demais mesorregiões o candidato Jair também tem um comportamento semelhante ao que teve na eleição passada, no primeiro turno recebeu entre 5% e 33% dos votos, no segundo turno essa dinâmica permaneceu. O único município em que Bolsonaro conseguiu ter um desempenho melhor foi Arapiraca no primeiro e segundo turno, conseguindo ultrapassar os 45%. Apesar de ter um percentual baixo no Sertão e Agreste em ambas eleições, os municípios que conseguiu ter um desempenho melhor comparado aos outros, foram nos que pertenciam a bacia leiteira de Alagoas.

Ao analisarmos a espacialização dos votos em Alagoas, nota-se em linhas gerais que as mesorregiões Agreste e Sertão alagoano apresentam percentuais de votação mais expressivos para os candidatos dos Partidos dos Trabalhadores nas quatro eleições apresentadas.

Essa dinâmica pode está vinculado ao fato de os votos petistas migrarem desde 2006 para estados da região Nordeste, “distribuindo-se em municípios com menor renda per capita, indicadores mais baixos de desenvolvimento humano, menor população e menor taxa de urbanização” (Marciel e Ventura, 2017, p.96).

Os municípios do Agreste e Sertão se encaixam nessas características, além de terem uma forte presença da agricultura familiar, grupo esse que se beneficiou com alguns programas criados nesses governos, como a implementação de cisternas e o Plano Safra da Agricultura Familiar, o que contribuiu para uma percepção de melhora de vida durante esses governos.

Como vimos anteriormente, o município de Arapiraca se destacou na região do Agreste por manifestar padrões de distribuição de votos distinto dos municípios vizinhos. Ao mesmo tempo que os candidatos do PT não tiveram um desempenho considerável em Arapiraca, foi lá em que seus opositores obtiveram um destaque maior em comparação aos municípios próximos.

Essa diferença pode estar relacionada ao fato de o município ter uma dinâmica diferente dos demais, por ser mais desenvolvido e ter uma forte produção do fumo, contribuindo para que a memória afetiva dos governos Lula e Dilma não fosse tão marcante.

Em relação aos padrões de distribuição da mesorregião do Leste de Alagoas, se mostra distinta das demais, principalmente o litoral. Os candidatos do Partido dos Trabalhadores nas últimas eleições não obtiveram altas porcentagens de votos nessa região, enquanto seus opositores tiveram um melhor desempenho nas quatro eleições.

Ao sobrepormos os votos desses candidatos ao território da produção de cana, e usinas e destilarias nas figuras 4 e 5, podemos observar que os territórios se sobrepõem, ou seja, os municípios com a maior presença da cana-de-açúcar são os mesmo que recebem votos mais significativos dos candidatos de centro e direita (José Serra, Aécio Neves e Jair Bolsonaro).

A produção canavieira aqui é compreendida como uma proxy das relações de poder que

estão atreladas a essa produção, ou seja, esse território estar centralizado nas mãos de famílias e políticos latifundiários, que exercem influência na política local e regional, onde se tornam prefeitos, vereadores, deputados, governadores e senadores. Podendo apoiar a candidatura de presidentes e influenciar seus eleitores a votar nos candidatos que apoia, por exemplo.

Seguindo esse pensamento, recorreremos ao conceito da formação socioespacial que explica que as condições econômicas construídas ao longo da história formam características particulares da sociedade que a compõe. Em vista que “a economia está no espaço, assim como o espaço está na economia” (Degrandi e Silveira, 2011, p.10 apud Santos (1985)), o que pode nos ajuda a compreender a ligação entre as relações de poder advindas da produção econômica com as dinâmicas de uma sociedade.

Trazendo essa lógica para a compreensão da presença de políticos que apoiam fortemente a classe do agronegócio no congresso nos pleitos analisados, podemos compreender que o apoio da população politicamente influente vinculada a produção canavieira, influi sobre os eleitores da mesorregião do Leste alagoano. Tendo em consideração que a produção econômica predominante no território pode influenciar nas dinâmicas sociopolíticas e refletir na decisão de alguns eleitores.

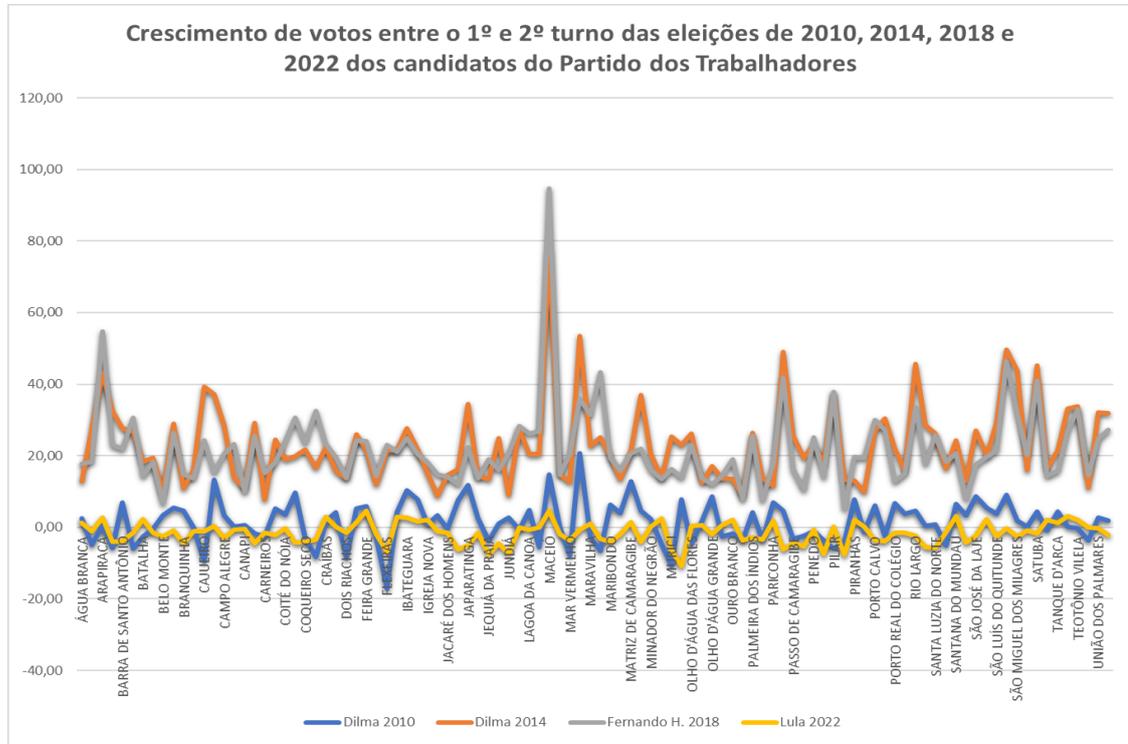
#### **4.3 Análise da migração eleitoral entre os turnos eleitorais**

Como explicado no tópico anterior, os eleitores alagoanos tendem a perpetuar um comportamento nas eleições presidenciais, havendo uma nítida preferência dos candidatos votados.

Ao analisarmos de perto a distribuição dos votos do candidato do Partido dos Trabalhadores em relação ao seu crescimento eleitoral entre os turnos, observamos que esses candidatos foram perdendo espaço para seus adversários. Para melhor compreender se houve uma perda nos votos, foi realizada o cálculo de migração dos votos entre o primeiro e segundo turno de cada eleição.

No gráfico 5, podemos observar que Dilma Rousseff em 2014 e Fernando Haddad em 2018, foram os candidatos que mais tiveram percentuais positivos de crescimento entre um turno e outro. Já o candidato Lula em 2022 foi o que mais sofreu com a migração de votos entre o primeiro e segundo turno, a mesorregião em que mais perdeu votos foi o leste alagoano, especificamente em 44 municípios de 52. Esse resultado pode estar atrelado ao fato que nessa região não há uma identificação forte com o candidato.

**Gráfico 5: Crescimento dos votos entre o primeiro e segundo turno nas eleições de 2010, 2014, 2018 e 2022 dos candidatos pelo PT nos municípios de Alagoas**

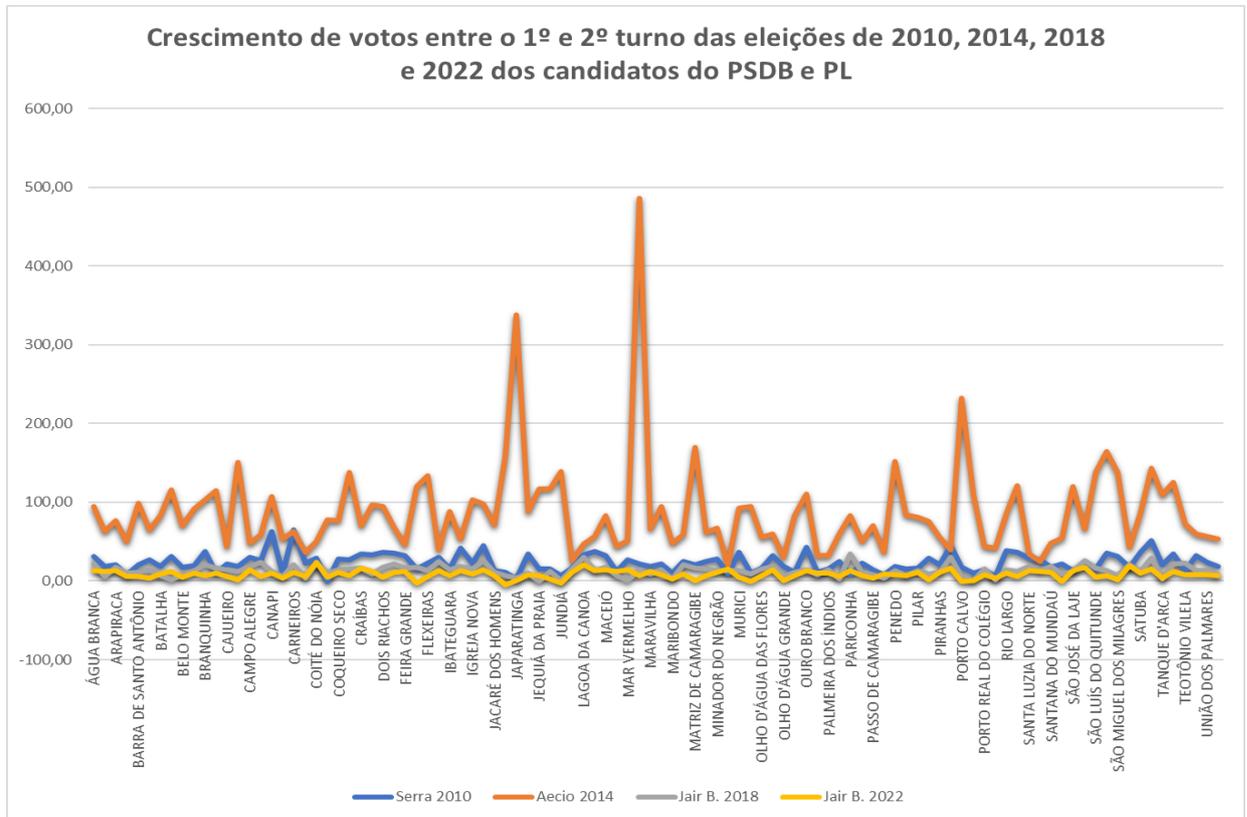


Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

Ao que se refere aos candidatos dos partidos que fazem oposição ao PT, observamos uma dinâmica de crescimento diferente, nota-se no gráfico 6, que apenas um candidato tem um crescimento significativo, sendo ele Aécio Neves (PSDB) em 2014, seu crescimento mais considerável foi no Leste alagoano, ultrapassando os 400% de crescimento.

Esse resultado está relacionado ao fato que, no primeiro turno, essa mesorregião concentrou seus votos principalmente na candidata Marina Silva. Como ela não conseguiu ir ao segundo turno, o Aécio recebeu seus votos. Os demais candidatos obtiveram o crescimento abaixo de 100%, o que significa um crescimento pequeno, mostrando que não houve perdas significativas entre os turnos, recebendo votos basicamente dos mesmos municípios e percentuais próximos no 1º e 2º turno.

**Gráfico 6: Crescimento dos votos entre o primeiro e segundo turno nas eleições de 2010, 2014, 2018 e 2022 dos candidatos pelo PSDB e PL nos municípios de Alagoas**



Fonte: Elaborado pela autora, com base em TSE (2024).

Em detrimento do analisado nota-se que os candidatos do Partido dos Trabalhadores não perderam espaço entre as eleições de 2010 a 2022 permanecendo em seu território, mas também não conseguiram um crescimento considerável, havendo perdas significativas na região a qual não consegue adentrar com mais força. Em contrapartida, os candidatos do PSDB e PL não só permaneceram no seu território, como houve um crescimento dos votos entre os turnos.

Diante dos resultados analisados anteriormente, observando-se a construção do território eleitoral dos candidatos com identidades e discursos próximos, e levando em consideração a formação socioterritorial desses territórios, será analisado no próximo tópico a correlação dos votos válidos nos municípios, com a presença da atividade canavieira, tendo em vista que a mesma foi e é o carro chefe da economia alagoana por décadas.

#### 4.4 Regressão Linear dos votos

Em virtude da sobreposição dos mapas da produção de cana junto aos votos dos candidatos, é evidente que existe uma preferência eleitoral no território canavieiro, para agregar a interpretação dessa complexa dinâmica foi construído um modelo estatístico de correlação simples, que tem como objetivo mensurar a dinâmica existente entre a produção canavieira, como uma *proxy* das relações de poder existente no local, e a obtenção de votos durante os pleitos apresentados anteriormente

Baseando em Chein (2019), a regressão linear simples é utilizada para analisar a relação entre variáveis observadas que pode ter relação uma com a(s) outra(s), sendo comumente utilizada a “variável dependente ou variável endógena,  $y$ , aquela cujo comportamento será explicado pela variável  $x$ , chamada de variável explicativa, regressor ou variável independente” (CHEIN, p. 11, 2019).

Na variável X foi utilizado a área em hectares de plantação de cana-de-açúcar para os anos referentes aos pleitos estudados: 2010, 2014, 2018 e 2022. Já a variável Y, utilizou-se a média dos votos entre o primeiro e segundo turno dos candidatos aqui já expostos.

Na Tabela 4, encontra-se o resultado da regressão elaborada para cada indivíduo, para a interpretação dos dados foi destacado o R-quadrado ( $R^2$ ), que explica a variabilidade dos dados, ou seja, quanto as variações de X explica as variações de Y. Quanto mais próximo de 100% mais a variável X explica a variável Y, sendo que quanto mais variáveis explicativas são apresentadas ao modelo, maior será o  $R^2$ ; Coeficiente Interseção (Y), que indica o percentual dos votos do candidato caso a variável X fosse zero; e Estimativa-Cana, que representa a mudança esperado com o aumento da variável Y, se mostrando positiva ou negativa.

Analisando as quatro eleições, nota-se que o R-quadrado dos candidatos analisados foi, em média, 24,7%, não se mostra tão expressivo, em vista que a amostra contou com 102 observações (refere-se à quantidade de municípios de Alagoas).

Quando analisarmos o coeficiente de interseção, que independe da variável resposta X, veremos que os candidatos do Partido dos Trabalhadores teriam uma média de 68% dos votos válidos nos municípios alagoanos. Resumidamente, os candidatos do PT venceriam as eleições com uma margem de 68% de aceitação eleitoral se não houvesse influência da produção de cana-de-açúcar.

Ao correlacionar a média dos votos do primeiro e segundo turno de Dilma Rousseff nas eleições de 2010, com a quantidade em hectares de cana-de-açúcar plantada para o mesmo ano, o resultado da estimativa- cana foi uma correlação negativa com Y, o que expressa uma relação

inversamente proporcional dos votos com produção canavieira para a candidata do PT, ou seja, quanto mais aumentar a área de cana, menor será o percentual de votos de Dilma. Assim como, se diminuir os hectares de cana, aumentará o percentual de votos.

Essa relação também foi observada nas eleições de 2014, havendo uma correlação entre as variáveis negativas.

**Tabela 5: Regressão linear simples envolvendo a plantação de cana-de-açúcar e a média dos votos de cada candidato nos pleitos estudados**

	<b>Candidatos</b>	<b>R-quadrado</b>	<b>R-quadrado ajustado</b>	<b>C. Interseção</b>	<b>Estimativa -Cana</b>
Eleições 2010	Dilma Rousseff (PT)	24,12%	23,36%	66,241%	-0,000918012
	José Serra (PSDB)	23,18%	22,41%	30,4224%	0,000812596
Eleições 2014	Dilma Rousseff (PT)	23,56%	22,79%	68,767%	-0,001053359
	Aécio Neves (PSDB)	23,41%	22,65%	21,749%	0,00070529
Eleições 2018	Fernando Haddad (PT)	28,09%	27,37%	69,468%	-0,001301299
	Jair Bolsonaro (PL)	28,04%	27,32%	22,636%	0,001185139
Eleições 2022	Lula (PT)	21,33%	20,54%	69,70%	-0,000914695
	Jair Bolsonaro (PL)	21,27%	20,48%	27,176%	0,000903848

Fonte: elaboração própria.

Os resultados obtidos para José Serra nas eleições de 2010 foram o opostos ao de sua oponente, a estimativa-cana foi positiva expressando uma correlação positiva, ou seja, quanto mais aumenta a área plantada de cana maior será o percentual de votos de Serra, se caso diminuir os hectares, seus votos tenderão a diminuir também.

Já nas eleições de 2014 Aécio Neves, principal oponente de Dilma, obteve a estimativa-cana positiva, seguindo a mesma lógica do candidato anterior de mesmo partido. Essa dinâmica foi observada nitidamente na espacialização no tópico anterior, onde Aécio e Serra recebe os votos mais expressivos na mesorregião do Leste, o que gera um comportamento similar dos dados.

Nas eleições de 2018, Fernando Haddad, candidato pelo PT, ocupa o espaço eleitoral que nas eleições anteriores eram de sua companheira de partido, e como consequência herda de sua antecessora o mesmo alinhamento eleitoral presente no estado, obtendo uma estimativa-cana negativa, sendo ela a maior de todas as eleições estudadas. O que significa que a cana-de-açúcar influencia negativamente os votos de Haddad.

Ao que se destina a Jair Bolsonaro na eleição de 2018, sua estimativa-cana é positiva alicerçando o comportamento dos votos dos candidatos do PSDB nas eleições de 2010 e 2014. E mostrando por três eleições seguidas com candidatos de ideologias políticas semelhantes um padrão de relação entre voto e monocultura canavieira iguais.

Já nas eleições de 2022, observa-se que o candidato Lula tem uma estimativa-cana negativa, demonstrando que a cana influencia negativamente no aumento dos seus votos. Enquanto que na mesma eleição Jair Bolsonaro, tem uma estimativa cana positiva. Essa eleição seguiu o mesmo fluxo que as eleições anteriores.

Diante do exposto, podemos destacar que a variável de estimativa-cana se mostrou negativa para os candidatos do PT (Dilma, Haddad e Lula), significando que conforme há o aumento da área plantada de cana o percentual de votos diminui, sendo vista em todas as eleições estudadas. Por outro lado, o resultado se mostrou positiva para os candidatos do PSDB e PL (José Serra, Aécio Neves, Jair Bolsonaro), demonstrando que à medida que aumenta a área plantada da monocultura há o aumento dos votos nesses candidatos.

E para ambas situações, à medida que o percentual de hectares plantados diminui, a interferência na estimativa-cana dos candidatos analisados diminui para aqueles que tiveram uma correlação positiva, e aumenta para aqueles que foram negativas.

Sendo assim, torna-se notório que os candidatos do Partido dos Trabalhadores teriam um desempenho favorável nas eleições se as variações da atividade canavieira não fossem determinantes. Essa apuração fortalece a interpretação espacial elaborada acima.

Em relação aos candidatos dos partidos PSDB e PL, nota-se que sua performance dos votos não seria relevante caso a variável cana não existisse. No entanto, com a presença da mesma, observa-se um impacto positivamente no aumento dos votos desses candidatos em todas as eleições.

Nessa perspectiva, conclui-se que a presença da monocultura canavieira pode impactar na predileção dos eleitores de Alagoas, influenciando junto a outros fatores como economia, renda e núcleos sociais. Assim, o Partido dos Trabalhadores tende a perder votos no leste alagoano por ter a forte presença da monocultura canavieira, enquanto que os candidatos do PSDB e PL tendem a ganhar mais votos nesta mesorregião justamente pela presença do cultivo.

É importante destacar que essa dinâmica pode ser vista em outros tipos de monocultura que tenham relações de poder sobre o território semelhante a observada no presente trabalho, como a soja.

Baseado no discutido no presente capítulo, assim como nos anteriores, a estrutura fundiária correlacionada a monocultura da cana-de-açúcar, colaboram nas dinâmicas políticas que permeiam o território analisado. Contribuindo para a permanência da influência de determinados grupos políticos na região do Leste alagoano, exprimindo as escolhas dos eleitores que vivenciam as dinâmicas de poder advindas dessa estrutura política.

As análises estatísticas e mapeamento temática revelam que a influência política vai além das estruturas locais, mas impacta no modo como o eleitor alagoano interpreta o cenário nacional, influenciando em sua decisão eleitoral. Essa conjuntura sinaliza como a formação socioespacial se torna um influenciador de votos, moldando de forma direta e indireta as preferências do eleitor, ou seja, as dinâmicas que acontece no lugar em que o eleitor vive poderá influenciar a suas inclinações políticas e partidárias e, posteriormente, a sua decisão de voto.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou entender a relação da distribuição dos votos válidos dos candidatos nas eleições presidenciais de 2010 a 2022 nos municípios alagoanos, atrelado a formação socioterritorial do estado, para contribuir no conhecimento científico acerca do assunto, assim como a colaboração na formulação de estratégias políticas e compreensão da relação sociedade e poder político.

A partir da aplicação de técnicas de mapeamento, o estudo realizou a espacialização dos votos válidos, excluindo brancos e nulos, nos municípios alagoanos do primeiro e segundo turno das eleições presidenciais de 2010, 2014, 2018 e 2022. Bem como a produção de cana-de-açúcar nas diferentes localidades do estado, buscando a partir da sobreposição desses mapas, compreender a relação entre as variáveis, juntamente com métodos estatísticos. Também foi elaborada a migração eleitoral para entender como se comporta os votos ao longo do período estudado a permanência dos candidatos no território.

Para alcançar uma compreensão acerca da análise da distribuição dos votos nas mesorregiões do estado de Alagoas nos últimos quatro pleitos presidenciais – 2010, 2014, 2018, 2022, a partir do conceito de formação socioespacial, definiu-se três objetivos específicos.

O primeiro consistiu em compreender a formação econômica e territorial das mesorregiões do estado de Alagoas. Verificou-se que historicamente o estado foi construído a partir da produção de cana-de-açúcar, sendo densa principalmente na mesorregião do Leste alagoana.

O surgimento das cidades foram ocorrendo a partir do alastramento dessa monocultura, assim como o desenvolvimento dos meios de transporte. Como segunda produção se destaca a pecuária, porém sua concentração é nas mesorregiões do Sertão e Agreste, além da agricultura familiar.

O segundo objetivo específico se propôs a espacializar os votos válidos dos candidatos à presidência da república que foram ao segundo turno eleições de 2010 - 2022 na escala municipal. Como resultado desse objetivo, obteve a compreensão de como se deu a distribuição do percentual de votos válidos dos candidatos nos pleitos analisados.

A partir disso, notou-se que havia uma preferência eleitoral entre as mesorregiões, na qual o Leste alagoano tem uma predisposição a votar em candidatos com discursos voltados para centro-direita, ou seja, candidatos que defendem pautas mais voltadas para o agronegócio e políticos liberais. Enquanto que as mesorregiões Agreste e Sertão tendiam a votar em

candidatos de centro-esquerda com discursos voltados para a população mais vulnerável.

O terceiro objetivo específico se propôs verificar a partir da análise estatística a existência da migração dos votos e a relação da produção canavieira com a média dos votos válidos nos municípios do estado de Alagoas.

Como resultado, obteve-se pouca migração eleitoral para candidatos à presidência do Partido dos Trabalhadores, PSDB e PL, significando que há uma permanência dos votos nos candidatos dentro do território analisado. No entanto, observou-se que o candidato Lula, em 2022, obteve a maior migração de votos entre o primeiro e segundo turno, com esse percentual sendo significativo na mesorregião Leste.

Em relação aos resultados da regressão linear simples, observou-se que os votos nos candidatos Dilma, Fernando Haddad e Lula são influenciados negativamente pela produção de cana-de-açúcar (compreendida no presente trabalho como uma *proxy* das relações de poder vinculadas a essa produção), variável escolhida por ser a mais expressiva na agroindústria alagoana. Enquanto que os votos dos candidatos José Serra, Aécio Neves e Jair Bolsonaro foram positivamente influenciados pela monocultura, demonstrando que há uma relação entre as variáveis e confirmando as observações realizadas a partir da espacialização.

Dessa forma, a hipótese do trabalho de que o comportamento eleitoral no estado de Alagoas está sob influência da formação socioespacial, sofrendo inferências dos agentes territoriais e das circunstâncias socioeconômicas se confirmou. Através da espacialização dos votos e da regressão linear simples foi possível evidenciar a relação entre os votos em candidatos ideologicamente de centro-direita na mesorregião Leste e a pouca representação de votos no partido de centro-esquerda (PT) na mesma, com as relações de poder que permeiam a monocultura canavieira.

Assim o processo de formação socioespacial repercute no comportamento dos eleitores nos municípios do estado de Alagoas, onde os aspectos expostos no presente estudo contribuíram para trilhar essa relação, dado que existe um padrão de quatro eleições seguidas a qual essa dinâmica se repete.

Os instrumentos aqui utilizados para o processamento dos dados nos permitiram uma percepção de diferentes perspectivas sobre as variáveis, podendo ser vistas a partir da distribuição geográfica e da estatística, além de se complementarem, colaborando para uma interpretação mais concisa dos dados.

Dessa maneira, podemos concluir que as configurações socioeconômicas agem indiretamente nas escolhas dos eleitores alagoanos, onde áreas com a presença de grupos latifundiários que exercem forte pressões, tem pouca predisposição a votar em candidatos do

Partido dos Trabalhadores, no qual o eleitorado sofrerá influência do seu meio nas escolhas de seus candidatos, seguindo as dinâmicas sociopolíticas ocorridas antes e durante os pleitos eleitorais.

Conforme o discutido, destaca-se como limitações na presente pesquisa a discussão a respeito das escolhas eleitorais. Dado que essas escolhas são algo particular de cada eleitor, existe a imprescindível necessidade de evitar generalização ou determinismo em relação aos resultados, sendo importante destacar que as configurações socioterroriais analisadas no presente trabalho, agem como influenciadores juntamente com outros fatores.

Como futura linha de pesquisa, destaca-se a inserção de outras variáveis presentes da estrutura agrária de Alagoas, como a presença de assentamentos e sua possível influência nas dinâmicas políticas da mesorregião do Leste alagoano, correlacionando com eleições em escalas menores.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAS EM DADOS E INFORMAÇÕES. **Variável - Área plantada de Cana de Açúcar (Hectares)**. Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/variavel-area-plantada-de-cana-de-acucar-hectares>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Economia Popular**: Uma via de modernização para Alagoas. 3º ed, Maceió: Edufal, 2008.

CARVALHO, Cícero Péricles de. Formação Territorial. In: CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação Histórica de Alagoas**. 6º ed. Maceió: Edufal. 2021. p.11-108.

CARNEIRO, Ricardo. Navegando a contravento: Uma reflexão sobre o experimento desenvolvimentista do governo Dilma Rousseff. **Texto para Discussão**. Unicamp. IE, Campinas, n. 289, 2017. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3509/TD289.pdf>, acesso em 31 de julho de 2024.

CASTRO, Iná Elias de. de **Geografia e políticas**: territórios, escalas de ação e instituições. Bertrand, Rio de Janeiro, 2005.

CHEIN, Flávia, O modelo de regressão linear simples. In: CHEIN, Flávia. **Introdução aos modelos de regressão linear**. Brasília: Enep, 2019. p. 11-32.

CONAB. **Portal de Informações Agropecuárias**. Disponível em: <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/mapeamentos-agricolas-downloads.html>. Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

COSTA, Wanderley Messias da. A Geografia Política Clássica. In: COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**: discursos sobre o território e o poder. São Paulo: Hucitec, 1992. p. 29-53.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: Método qualitativo, quantitativo e misto. Sage, 3ª ed, Porto Alegre, 2010.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil**. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/conflitos-no-campo-brasil>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

CUNHA, Ricardo Borges da. **Geografia Eleitoral e o emprego de uma análise sistêmica**: um estudo de caso sobre o processo político no município do Rio Grande/RS. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

CUNHA, Ricardo Borges da; MARTINS, César Augusto Ávila. Geografia Eleitoral: uma revisão e possíveis caminhos. **Ra'eGa**, , Curitiba, v. 39, p. 43-56, 2017.

DEGRANDI, José Odim Rogério. SILVEIRA, Leandro Lima da. O Conceito de Formação

Socioespacial e sua Potencialidade Analítica e Metodológica para a Compreensão do Desenvolvimento. *In*: V Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 5, 2011, Santa Cruz do Sul. **Anais [...]**, Santa Cruz do Sul: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, 2011, p.01-19.

FLEISCHER, David V. **Concentração e Dispersão Eleitoral**: Um estudo da distribuição geográfica do voto em Minas Gerais (1966-1974). *Revista Ciência Política*, Vol. 19, nº 03, p. 15-36 Rio de Janeiro 1976.

FURTADO, Matheus Pinto, COLVERO, Ronaldo Bernardino, JOVINO, Danilo Pedro. Partidos Políticos: Como Vem Se Dando Sua Territorialidade. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 04, n.840, p. 1-14, maio 2018.

GEOGRAFIA DE VOTO. **Resultados municipais**. Disponível em: <https://geografiadovoto.com/resultados/municipio/>. Acesso em: 22 de julho de 2024.

GOTTMAN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, AGB-Campinas, v. 2, n.03, p. 523-545, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE. **Produção Agrícola Municipal - Tabela 3.2 – Alagoas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> . Acesso em: 20 de julho de 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE. **Pesquisa da Pecuária Municipal - Tabela 2.2 – Alagoas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> . Acesso em: 20 de julho de 2024.

JUNIOR, Rubens de Toledo. **O lugar e as eleições**: a expressão territorial do voto no Brasil. *GeoTextos*, v. 03, n. 01 e 02, p. 171-183, 2007.

LIMA, Thaís Damasceno. DEUS, Larissa Naves. A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira. **Revista Cadernos de Economia**, Chapecó, v. 17, n. 32, p. 52 - 65, jan./jun. 2013

LIPSET, Seymour Martin. **O homem político**. Zahar, São Paulo, 1967.

MACIEL, Natalia. VENTURA, Tiago. O Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados: a evolução das bases socioeconômicas e territoriais (1994-2014). **Opinião Pública**, Campinas, v. 23, n.1, jan. - abr., 2017.

MACHADO, Eliel. Governo Lula, neoliberalismo e lutas sociais. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 21/22, p. 23-34. 2009.

MACHADO, Thiago Adriano. Da formação social em Marx à formação socioespacial em Milton Santos: uma categoria geográfica para interpretar o Brasil? **GEOgraphia**, Recife, v. 18, n. 33, p. 71-98, 2016

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da Geografia e Cartografia temática**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MEDUS, Norma Beatriz. **Los estudios electorales en la Geografía**. Huellas - UNLPam,

Santa Rosa, nº 1. Santa Rosa 1997, p. 9-25. Disponível em:  
<https://repo.unlpam.edu.ar/handle/unlpam/2562>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

MOREIRA, Marcelo Sevyabricker, VERONEZ, Élber Antonielle Donizete. Entre o direito e a política: uma análise do *impeachment* de Dilma Rousseff. **Revista de Estudos Jurídicos UNESP**: Franca, v. 25, n.41, p. 96-141, 2021.

OLIVEIRA, Gabriel Nunes de. HERSCOVICI, Nicole. Os empresários industriais no primeiro mandato Dilma Rousseff (2011-2014): uma análise a partir do jornal Valor Econômico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 37, p. 1-31, 2022.

PEREIRA, Bruno Magnum. **Geografia Eleitoral**: Análises Espaciais dos votos dos deputados estaduais de Goiás nas eleições de 2006 e 2010. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

PODER360. **Governadores do Estado de Alagoas**. Disponível em:  
<https://eleicoes.poder360.com.br/>. Acesso em: 06 de outubro de 2023.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. Espaço geográfico, território usado e lugar: Ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 8, n.02, p.154-161, 2014.

RAFFESTIN, Claude. O território e o poder. *In*: RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**, São Paulo: Ática, v. 29, p.143-163, 1993.

RODRIGUES, Jean Carlos. SANTOS, Robson Francisco Barros dos., ALVES, Cássio Fonseca. Geografia eleitoral do estado de Tocantins: análise das eleições para governador de 1988 a 2010. **GeoTextos**, Salvador, v. 10, n.02, p. 119-142, 2014.

SALDANHA, A. Alagoas: resultado das eleições. *In* CORTES, H.; SPINELLI, J. A. (Orgs.) **Nordeste 2010**: os sentidos do voto II análises interpretativas dos resultados nos estados do Nordeste. Recife: Editora Massangana, p. 325-341, 2016.

SANTOS, Márcio Zacarias dos. **Dos antigos engenhos banguês em Alagoas até o aparecimento das primeiras usinas na década de 1920**. 2022. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História - Licenciatura) - Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2022

SANTOS, Milton. O retorno do território. **Territorio y movimientos Sociales**, v. 06, n.16, 2005.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A formação social como teoria e como método. *In*: SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**: ensaios. 1 ed. Petrópolis: Vozes. 1979. p.9-27

SEAGRI. **Superintendência de Irrigação e Infraestrutura Hídrica Produção Agropecuária Municipal – 2022**. Disponível em:  
<https://lookerstudio.google.com/u/0/reporting/0c7c95a8-c8ba-4510-8070-344884c75084/page/vpvHC>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

SENDRA, Joaquín Bosque. Geografía electoral, Geografía política y Elecciones en España.

**Anales de geografía de la Universidad Complutense**, n.02, p. 263-274, 1982.

SENDRA, Joaquín Bosque. Geografía electoral y elecciones en España. **Anales de Geografía de la Universidad Complutense**. p.285-293. jan/1981.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA - SIDRA. **Tabela 6780: Número de estabelecimentos agropecuários, por tipologia, origem da orientação técnica recebida, grupos de atividade econômica e grupos de área total**. Censo Agropecuário 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. Organização espacial do estado de Alagoas. *In*: SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Configuração espacial de Alagoas**. Sobral: Sertão Cult, 2021. p.21-154.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas, CALHEIROS, Silvana Quintella Cavalcanti. O estado de Alagoas no contexto regional nordestino. **Revista Confins**, Dossiê Sergipe Alagoas, n. 41. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/21096>. Acesso de 20 de dezembro de 2023.

SILVEIRA, Maria Laura. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciências Geográficas**, Bauru, v. 15, n.1, 2011.

TEIXEIRA, Amandio L. A.; GERARDI, Lúcia H. O. Aplicativos computacionais para Geografia - Regressão Linear Simples. **Revista Geografia**, Recife, v.11, n. 22, p. 121-133, 1986.

TENÓRIO, Douglas Apratto. Os caminhos do açúcar em Alagoas: do banguê à usina, do escravo ao boia-fria. **Revista Incelências**, Maceió, v. 02, n.01, p. 5-27, 2011.

TERRON, Sonia Luiza. **A composição de territórios eleitorais no Brasil: uma análise das votações de Lula (1989-2006)**. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2009.

TERRON, Sonia. Luiza. Geografia Eleitoral em foco. **Em Debate**, Florianópolis, v. 04, n. 02, p.8-18, 2012.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL -TSE. **Perfil do eleitorado**. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL -TSE. **Resultados**. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/>. Acesso em: 26 de janeiro de 2024.

VIEIRA, JOSÉ VITOR BLANCO. **A Geografia Eleitoral: padrões de votação para deputados federais no Rio Grande do Sul e em Pernambuco nas eleições de 2006 e 2010**. 2012. Dissertação (Mestrados em ciências sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WHITACKER, Guilherme Magon. A operacionalização do conceito de formação econômica-social: o nexos entre o marxismo e a Geografia de Milton Santos. **Revista Geografia em Atos**, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 48-76, 2019.

ZANFOLIN, Doraci Elias. **Geografia Eleitoral**: reforma política e uso do território brasileiro. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZOLNERKEVIC, Aleksei. RAFFO, Jorge da Graça. Geografia Eleitoral: representação espacial da volatilidade do voto. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, v.17, n.33, p. 221-228., 2013.